



CARINA FALCÃO MATTEU

MEMÓRIA SOCIAL E TRADIÇÃO LASSALISTA: UM PROJETO DE ARTE URBANA PARA A  
UNIVERSIDADE LA SALLE, EM CANOAS/RS

Canoas, 2019

CARINA FALCÃO MATTEU

**MEMÓRIA SOCIAL E TRADIÇÃO LASSALISTA: UM PROJETO DE ARTE URBANA PARA  
A UNIVERSIDADE LA SALLE, EM CANOAS/RS**

Dissertação do Curso de Mestrado  
Profissional em Memória Social e Bens  
Culturais da Universidade La Salle

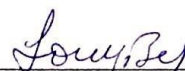
Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Co-orientador: Prof. Dr. Lucas Graeff

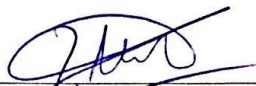
Canoas, março de 2019

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS**

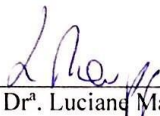
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ione Maria Ghislene Bentz  
Unjásinos



Prof. Dr. Clédes Antonio Casagrande  
Universidade La Salle



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Luciane Marques Raupp  
Universidade La Salle



Prof. Dr. Lucas Graeff  
Universidade La Salle  
Co-orientador



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Lucia Regina Lucas da Rosa  
Universidade La Salle, Orientadora e Presidente da  
Banca

**Área de Concentração:** Estudos em Memória Social

**Curso:** Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M435m Matteu, Carina Falcão.

Memória social e tradição lassalista [manuscrito] : um projeto de arte urbana para a Universidade La Salle, em Canoas, RS / Carina Falcão Matteu – 2019.

88 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

“Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

1. Memória social. 2. Cultura. 3. Grafite. 4. Filosofia lassalista. I. Rosa, Lúcia Regina Lucas da. II. Título.

CDU: 316.7

## AGRADECIMENTOS

Para que se possa finalizar uma dissertação de Mestrado é imprescindível que se tenha um enorme time de apoio ao lado. Para que esse caminho de subidas íngremes e descidas tortuosas possa ser trilhado de forma que olhemos para o belo, mesmo com todo o cansaço decorrente do trajeto.

No entanto, esta conclusão, é apenas uma parte do caminho, que começou muitos anos antes e não sei se um dia irá terminar realmente, visto que a cada passo dado descubro uma Carina mais curiosa e mais inquieta, com sede de aprendizado e ciente que nunca saberá o bastante.

Foram e, ainda serão, tantas as pessoas pelo caminho, fazendo dos meus dias, dias mais agradáveis e leves. Aceitando e compreendendo as ausências. Colaborando nos momentos de surtos criativos. Dando um abraço, dizendo uma palavra carinhosa nos momentos de crise, que nem sei se seria capaz de chegar até aqui se não fosse por eles.

Assim, antes de tudo e antes de todos, agradeço primeiro a Deus, por estar sempre comigo, por não me deixar desistir, por manter essa inquietude em meu coração e, acima de tudo, por muitas vezes me abrir portas que pareciam estar fechadas.

Agradeço ao meu marido, por ser meu porto seguro ao longo desses dois últimos anos, me apoiando e segurando minha mão ao longo do caminho, para ter certeza de que eu não cairia.

Agradeço a minha família, por sempre acreditar e confiar, mas principalmente aos meus pais. Minha mãe por todas as palavras de incentivo, todo orgulho, pelos olhos sempre brilhando, me fazendo acreditar que sou ainda maior do que verdadeiramente sou. Meu pai, por ser meu parceiro de escrita, de profissão, de sonhos, de devaneios, meu parceiro da vida. Palavras nunca serão o bastante para agradecer a vocês.

Aos amigos que estiveram do meu lado, aos colegas de trabalho, aos meus alunos, todos que dividiram os dias comigo e compartilharam cada momento vibrando ao meu lado.

Aos professores e demais colegas do PPG - MSBC pelas discussões, pelas trocas e por se encantarem com O Carisma desde o início.

E aos meus eternos orientadores, pois fui uma privilegiada em tê-los. Maria Luiza Berwanger, obrigada por trilhar o início dessa caminhada comigo me mostrando a confiar em mim mesma e acreditar que o mundo é um lugar sem limites. Lucas Graeff, obrigada por ver em mim coisas que nem eu mesma poderia ter visto e por me fazer ir até os limites de onde eu achava ser impossível. Lúcia Rosa, obrigada por ser ora mãe, ora orientadora, obrigada por nunca cortar minhas asas, obrigada por sonhar esse sonho comigo desde muito antes que qualquer outra pessoa e obrigada por ser meu escudo e minha espada em todas as batalhas em que estivemos juntas.

To all of you my deepest thanks.

## RESUMO

As Instituições Lassalistas são, entre outras coisas, altamente reconhecidas por muitos profissionais da educação e até mesmo por outras instituições de ensino pelos mais de 300 anos de tradição educando seus alunos para a vida. No entanto, para a Comunidade Lassalista, tão importante quanto ser reconhecida por especialistas da área, é ser reconhecida entre seus alunos. Dessa forma, esta dissertação surge para estreitar os laços entre alunos e instituição, propondo uma atualização iconográfica através do uso de grafites, com o objetivo de aproximar esses alunos dos valores Lassalistas, ou seja, aproximar jovem e tradição. Para isso, no decorrer das pesquisas, nos apoiamos em conceitos de memória, cultura, identidade e tradição, para que pudéssemos compreender o que leva um sujeito a se aproximar de determinadas memórias a ponto de torná-las parte de suas práticas culturais, até que finalmente essas se tornem uma tradição local. Para isso, recorreremos a autores como Jöel Candau, Maurice Halbwachs, Michel Maffesoli e Zigmund Baumann. Ao longo dessas pesquisas, pudemos compreender que para uma tradição se estabilizar é preciso que ela seja transmitida, incorporada e, até mesmo, alterada de acordo com a realidade sócio-cultural existente. Dessa forma, remodelar a iconografia foi uma maneira de realizar esta atualização necessária para que a Tradição continuasse sendo mantida.

Palavras-chave: Tradição Lassalista; Memória; Cultura; Grafite.

## **ABSTRACT**

Lassalian institutions are, among other things, highly recognized by several professionals on the education field and even other educational institutions for its more than 300 years of tradition teaching its students for life. Nonetheless, to the Lassalian Community as important as being recognized by experts is being recognized by its students. This way, this thesis comes to strengthen the relationship between students and institution, putting forward an iconographic renewal through the usage of graffiti art, aiming to tighten bonds between these pupils and the Lassalian values. It means putting youngsters closer to the tradition. For that to happen throughout this research we leaned on concepts of memory, culture, identity and tradition, so that we could comprehend what it takes from a person to come closer to some kind of memories to the point of turning these memories part of their cultural practice to the final point that these memories become a local tradition. For that we consulted authors as Jöel Candau, Maurice Halbwachs, Michel Maffesoli and Zigmund Baumann. Throughout this research we could understand that for a tradition to settle down it is necessary that it is passed forward, embodied and even altered according to the social-cultural reality in which people are set. This way remodeling the iconography was one way to make this necessary renewal happen so that the tradition could be kept.

Key-words: Lassalian Tradition; Memory; Culture; Graffiti



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 AS BASES DE TODA A PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
<b>3 O SURGIMENTO DA PROFESSORA LASSALISTA .....</b>	<b>20</b>
<b>4 OS PRIMEIROS PASSOS NA MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>5 COMPREENDENDO A COMUNIDADE LASSALISTA.....</b>	<b>29</b>
<b>6 O CARISMA E A MISSÃO LASSALISTA .....</b>	<b>33</b>
<b>7 A ESPIRITUALIDADE.....</b>	<b>36</b>
<b>8 HUMANISMO E DIVERSIDADE .....</b>	<b>40</b>
<b>9 PENSANDO A OBRA .....</b>	<b>47</b>
<b>10 APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE GRAFITES CONTEMPORÂ- NEOS .....</b>	<b>58</b>
<b>11 SAINDO DO CAMPO DAS IDEIAS E TOMANDO O CAMPO FÍSICO .....</b>	<b>65</b>
<b>12 POR TRÁS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO MURAL .....</b>	<b>73</b>
<b>13 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Todos nós precisamos adequar-nos às realidades sócio-culturais em que estamos. No entanto, isso é feito de maneira negociável, isto é, vamos adaptando nossa realidade, nossos valores, nossas crenças, nossos hábitos, de maneira a construir aquilo que chamaremos de identidade. De acordo com Bauman (2005, p. 21-22), identidade é algo a ser inventado, moldado, "como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais.". Vejo isso da seguinte forma: a identidade é um caminho a ser trilhado, é preciso querer permanecer nele, mesmo que vejamos outros, aparentemente, menos árduos que o nosso. Além disso, no percurso pode haver calor, frio, vento, chuva, etc. essas condições impostas a nós, exigirão algum tipo de negociação para que permaneçamos na nossa caminhada. Pois bem, a metáfora que faço pode ser vista como nossa própria identidade, o caminho a trilhar, compõe tudo aquilo que reunimos como valores identitários, tudo aquilo que Bauman diz que devemos proteger. As mudanças climáticas podem ser vistas como mudanças temporais, ou seja, situações sociais, culturais, históricas que nos exigem certa flexibilidade, mas que não podemos deixar que nos desviem.

Ao compreendermos que a construção identitária de cada um de nós é negociável, convido-os a passarmos da esfera pessoal para a esfera institucional, pois é nessa última que toda esta dissertação será desenvolvida. Na esfera institucional teremos valores e hábitos que podem remeter a uma, duas, três, ou ainda muitas mais gerações. Esses valores e hábitos, juntamente com a missão da instituição formarão uma espécie de Tradição Institucional que irá se constituir ao longo dos anos. O fato é que, para uma instituição que vive há séculos, os valores precisam ser mantidos, mas os hábitos precisam ser atualizados de tempos em tempos, garantindo que a Identidade da Instituição esteja adequada com a realidade socio-temporal em que está inserida. Apesar de a Instituição ter sua identidade e Tradição, ela é composta de pessoas, que precisam compreender o contexto Institucional e identificar-se com os ideais ali presentes, mas para isso, é preciso falar a língua das pessoas, ou seja, adequar-se à realidade delas. O que eu quero trazer à tona com isso, é que uma instituição centenária, por exemplo, em pleno funcionamento no século

XXI, precisa comunicar-se com seu público (interno e externo) pelos padrões de comunicação deste século, somente assim, será melhor compreendida.

Foi pensando nessas questões de identidade institucional que desenvolvi toda a pesquisa para esta dissertação. Como vocês terão a oportunidade de compreender nos capítulos a seguir, tenho uma história de mais de 15 anos com a Instituição La Salle, como aluna, professora, cantora (na época dos Pequenos Cantores do La Salle), etc. Dessa forma, eu vivo o cotidiano da Comunidade Lassalista há muitos anos e, por isso, me identifico com os valores ensinados nas comunidades, com os ideais presentes entre os lassalistas, com a tradição trazida e reforçada a cada século desde a criação das escolas no século XVII. Porém, me questiono: quem não está na Comunidade a todos esses anos, consegue perceber esses valores? É possível que um jovem que começou seu curso de graduação há um ano tenha uma compreensão mais ampla da Tradição? E quanto ao jovem que começou seu estágio na Universidade, será que ele conhece a história da Instituição? Esses questionamentos me levaram a observar a vida no Campus da Universidade La Salle Canoas e no Colégio La Salle Canoas, já que ambos compõem uma unidade territorial e, também, compõem meus grupos de convivência dentro da Instituição, como aluna do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e como professora do Ensino Fundamental - Anos Finais.

Ao longo dessas observações, percebi que os nossos jovens sabem muito pouco da nossa Instituição, além disso, deixam de valorizá-la, orgulhar-se dela, criam laços, mas nem sempre criam raízes e, talvez isso faça com que muitos alunos da escola, não permaneçam na universidade; muitos alunos da graduação, não permaneçam na pós-graduação; muitos estagiários não vislumbrem uma carreira dentro da Instituição La Salle. Mas por que isso acontece? Creio que, em grande parte, isso aconteça porque jovem e Instituição não têm falado a mesma língua, não têm se ouvido, se percebido e se identificado um com o outro. O problema é que nenhuma imagem, até mesmo as mais modernas, me parecem serem capazes de expressar a grandiosidade da Tradição em si para um sujeito que vive nos dias de hoje, nesta que chamamos sociedade pós-moderna. Como Bauman (2005) diz, a identidade é construída e negociada a cada instante, se a Instituição for capaz de se mostrar para os jovens de maneira que eles sintam-se inclinados a engajar-se com ela, ou seja, a ver-se, de fato, como um Lassalista, então, instituição e sujeito terão construído um vínculo identitário, que faz com que esse sujeito perceba-se como

parte do todo que, neste caso, é a Comunidade Lassalista. Sentindo-se parte, este sujeito cria raízes, a Instituição passa a ter espaço dentro do sujeito, passa a existir uma relação emocional e a probabilidade de esse sujeito permanecer vinculado à Instituição torna-se muito maior.

Pensando nisso, minha proposta é que falemos mais a língua desses jovens, incorporem características da contemporaneidade para melhor expressar a Tradição Lassalista, para fazer com que toda e qualquer pessoa que entre em contato com a Tradição seja capaz de compreendê-la na sua diversidade. Porém, como iríamos fazer para que as pessoas entrassem em contato com a Tradição? A maior parte das informações a esse respeito está disponível através de livros e o fato é que, a cada dia que passa, as pessoas leem menos. Como propiciar este encontro entre jovem e tradição? Como reescrever essa tradição de forma que encante este jovem? Foi trazendo esses questionamentos à tona que cheguei ao acervo iconográfico da Instituição. Dispomos de imagens de La Salle e da Tradição Lassalista por todo o Campus, no entanto, todas as imagens, por mais que tenham sido feitas recentemente, remontam ao século XVII e ao início do Instituto montado por La Salle e pelos demais Irmãos. Isso faz com que o jovem que passa por essas imagens diariamente não consiga se conectar com elas, pois não há nada na lembrança desse jovem, não há nenhum componente memorial capaz de se ligar a essas imagens, por mais belas que sejam, não conseguem transmitir significado para esses jovens que as observam.

Ao adentrarmos o campo da memória social para explicarmos essa falta de conexão é impossível não falarmos de Candau (2016) e Halbwachs (1990). Segundo Candau (2016, p. 61), o homem se reinventa de tempos em tempos e - "o conjunto de personalidade de um indivíduo emerge da memória". Desse modo, as imagens poderiam reforçar essa questão identitária, caso o sujeito consiga estabelecer um vínculo entre imagem e memória. No entanto, as imagens que remetem ao século XVII não possuem esse vínculo. Maurice Halbwachs (1990), que trabalha amplamente com o conceito de memória coletiva, nos traz o conceito de semente de rememoração. Que seria algo, um detalhe abstrato ou físico, capaz de provocar uma lembrança no sujeito, essa lembrança, por sua vez, poderia conectar-se com o conjunto exterior e interior daquele sujeito e, assim, poderia corroborar para a construção do sentimento de pertença. Isso quer dizer que, caso tenhamos uma imagem que consiga conectar com alguma outra lembrança do sujeito - seus valores, seus

hábitos, seu cotidiano, suas crenças, etc. - poderíamos ter nesta imagem o que Halbwachs chama de semente de rememoração. Dessa forma, a imagem iria remontar lembranças, momentos, situações internas e externas desse sujeito, ou seja, iria combinar o agora, o este momento, com um conjunto de testemunhos memoriais. Essa combinação pode ser capaz de aproximar sujeito e Tradição Lassalista.

Além disso, Halbwachs fala sobre os grupos de referência. Esses grupos seriam como uma âncora para o sujeito, isto é, um grupo do qual o indivíduo faz parte e com o qual se identifica e estabelece uma comunidade de pensamentos. Como para Halbwachs a memória é algo sempre coletivo, isso quer dizer que o grupo de referência pode reforçar ou, até mesmo, apagar uma lembrança. Pensando na possibilidade de instalar uma imagem no Campus da Universidade La Salle Canoas, grupos de alunos, familiares, colegas de trabalho e outros grupos de referência teriam acesso à mesma imagem e poderiam apoiar-se, inconscientemente, nesse processo de construção de uma identidade lassalista.

Ao passo que todas essas reflexões iam sendo feitas, uma ideia vinha crescendo em mim: fazer um mural grafitado no Campus da Universidade La Salle Canoas. O principal objetivo de promover esta grafiteagem era o de aproximar os jovens da Tradição e simbolizar a Unidade presente na Diversidade Lassalista. Isto é, mostrar para os jovens que apesar de todas as singularidades de cada um, somos uma unidade, pelo simples fato de fazermos parte da Comunidade Lassalista. O grafite surgiu como possibilidade, em função de experiências que eu tive como pesquisadora e que me mostraram o quanto o grafite tem a capacidade de falar para um grande público e, principalmente, o quanto contemporâneo ele é. Levando em si características pós-modernas valorizadas pelas pessoas em geral. Dessa forma, eu não via outra possibilidade melhor para renovar a iconografia Lassalista, que não fosse através dos grafites, pois através deles os jovens poderiam ser tocados. Assim, tendo tudo isso definido, os primeiros passos para que esta dissertação tomasse forma foram dados e vocês poderão, de fato, mergulhar nessa história ao longo das próximas páginas. No entanto, é importante compreendermos que muitos outros propósitos e metas foram pensados para que pudéssemos chegar ao objetivo principal. Dessa forma, em alguns momentos ao longo desta dissertação falaremos sobre envolver adolescentes com atividades de pastoral, envolver jovens adultos com a universidade, de maneira a criar um laço emocional entre jovem e instituição, porém todas es-

sas intenções, metas, visam ao objetivo central que é aproximar o jovem da Tradição Lassalista.

Por fim, um último detalhe importantíssimo para que esta dissertação seja lida, é compreendermos que devido a minha proximidade com a Tradição Lassalista, optei, juntamente com minha orientadora Lúcia Regina Lucas da Rosa e meu co-orientador Lucas Graeff, por não me distanciar do objeto de pesquisa, pelo contrário, este trabalho é todo escrito em primeira pessoa e mistura minha vivência e minhas pesquisas. A escrita é bastante descritiva e, me arrisco a dizer, que algumas vezes poética, outras quase biográfica, mas em momento algum perde seu caráter científico. Além disso, ela segue uma ordem cronológica dos fatos, isso quer dizer que não há um capítulo específico para cada assunto, como um capítulo tratando somente sobre Tradição Lassalista, ou ainda, sobre Memória, Grafites, Identidade. Ao invés disso, os assuntos aparecem ao longo desta dissertação da mesma forma como eles aparecem na minha vida e, muitas vezes, há um trabalho de ida e vinda memorial, visto que é exatamente através dessas idas e vindas que vamos construindo nossas lembranças, laços, identidade e cultura - pontos essenciais para o objetivo central desta dissertação. Convido-os a adentrarem nesta leitura sem pré-conceitos sobre o que deve compor um texto acadêmico, entreguem-se à leitura e no final tudo fará sentido.

## 2 AS BASES DE TODA A PESQUISA

Minha pesquisa no curso de Memória Social e Bens Culturais começa oficialmente em 2017. No início, eu queria aproximar passado e presente, tradição e contemporaneidade, com o objetivo de aproximar o jovem da Tradição Lassalista. Nessa busca e com a pesquisa crescendo e tomando forma, posteriormente, decidi unir tradição e arte urbana, na forma de um mural que expressasse, através da arte, tudo de mais inerente à tradição como um todo. No entanto, apesar de a pesquisa ter sido começada oficialmente em 2017, na verdade, ela já estava em mim há muitos anos.

Tendo crescido numa família de professores, sempre soube de todos os encargos que a profissão carrega. Sempre tive receio de aceitar como minha a profissão que já havia me aceitado como sua, pois desde muito cedo sabia o tipo de professora que iria ser - aquela que se envolve, que leva a educação como um bem de maior valor que temos, aquela que se entrega e luta para que nosso sistema educacional melhore a cada dia. Isso me dava muito medo, pois não estaria seguindo no rumo de uma profissão qualquer, estaria escolhendo educar a partir de valores específicos ao longo de uma vida toda, para outras vidas e isso é algo de extrema seriedade.

A minha carreira começou a se delinear aos 17 anos, momento em que aceitei esse enorme desafio. Certa de que cursaria jornalismo na universidade optei por fazer um ano sabático, me dar a oportunidade de fazer cursos, realizar viagens, me centrar, para então ingressar no curso de minha escolha. Foi na metade desse ano que recebi a ligação que mudaria o curso da minha carreira e, conseqüentemente, de minha vida toda. Em uma tarde de junho de 2007, Maria da Graça Flach, diretora do curso de inglês Challenge Centro de Idiomas, me ligou e perguntou: “já pensaste em ser professora aqui comigo?”.

Este telefonema foi o divisor de águas de todas as minhas incertezas, pois eu obviamente já havia pensado naquilo muitas vezes. Eu era aluna do Challenge nesta época e tinha lá professores que eu admirava muito pelo empenho, dinamismo, carisma, pela capacidade que eles tinham de cativar os alunos, além do conhecimento e domínio do idioma. No pensamento de uma menina de 17 anos este convite significava que eu tinha todas aquelas características admiráveis de meus professores,

tudo aquilo que eu secretamente já sonhava me tornar. Neste momento, desliguei o telefone, acessei a internet e, muito embora o vestibular de inverno estivesse sendo ofertado em diversas universidades da região, eu só me inscrevi no vestibular da Unilasalle, pois já tinha minha história enlaçada com a da Instituição: a Tradição Lassalista já estava presente em mim, através de vestígios, rastros deixados pela minha memória de um tempo em que a vivenciei.

Minha história com a Rede La Salle começou muitos anos antes daqui. Meu pai havia feito parte da banda dos Pequenos Cantores do La Salle e eu, primeiramente, era fã número um do grupo - não podia ser diferente, frequentava os shows desde antes mesmo de nascer -; em segundo lugar, tornei-me cantora do grupo, fazendo da história dos Pequenos Cantores parte da minha e vice-versa. Dessa forma, quando o fato de ingressar na faculdade podia misturar-se com o fato de voltar a frequentar este campus e reviver memórias e histórias incríveis para mim, não tive dúvidas de onde iria estudar. Assim, em agosto de 2007, começavam minhas aulas no curso de Letras da Unilasalle. Mais uma vez, eu me inseria no contexto Lassalista e se abria uma nova oportunidade para que eu vivesse essa Tradição, agora, porém, não mais nos Pequenos Cantores do La Salle, mas no Unilasalle, na época Centro Universitário da Rede aqui no Rio Grande do Sul. Isso já configurava meu contato de um velho com um novo La Salle, bem como de uma velha Carina, com uma nova Carina. Esse encontro me aproximou da Rede de uma nova maneira e me trouxe um novo pensar, que foi se misturando com tudo aquilo que já existia em mim a respeito da instituição e tudo que ainda estava por vir. Esse trabalho de vai e vem da memória, de buscar e construir lembranças, (re)avaliar, (re)construir, (res)significar foi formando em mim o que me atrevo a chamar de uma memória Lassalista, que foi o motivo primeiro que desencadeou toda esta pesquisa.

O curso de Letras tornou-se uma paixão já no primeiro semestre. As aulas de literatura traziam à tona toda a capacidade que a língua tinha de envolver o sujeito, dar-lhe um nó, sem que este sequer percebesse. Literatura era força e sutileza ao mesmo tempo - era arte. As aulas de linguística e gramática traziam toda uma lógica e organização da língua, quase como se a língua fosse um exército inteiro e cada palavra fosse um soldado guardando sua posição. Linguística era pura lógica e estratégia, gramática era firmeza e exatidão - era o todo, por trás da arte.



Assim, o curso de Letras foi desde o início me encantando, me possibilitando novas descobertas e novas paixões. A primeira foi a Literatura Britânica, em seguida, foi a Linguística, a Fonética, a Semiótica... Um novo amor não excluía o antigo, pelo contrário, o complementava de certa forma. A história por trás de cada língua e a cultura entrelaçada a ela me faziam ler mais e mais. Cada livro era um mundo novo que se revelava como uma explosão linguístico-cultural. No entanto, não era só isso que me encantava, o funcionamento da língua, os mecanismos de aquisição da linguagem (primeira língua e segunda língua) igualmente despertavam minha curiosidade e interesse. Foi essa paixão que me levou ao ponto de pesquisar como a linguagem influencia os processos sociais e culturais - viés de pesquisa que comecei na Especialização e continuei no Mestrado, no entanto, ao chegar no curso de mestrado, incorporei à pesquisa o aspecto cultural. Assim, passei a aproximar linguagem e cultura e a perceber o quanto a linguagem se modificava por questões culturais, mas, ao mesmo tempo, o quanto a cultura se moldava em função da linguagem. Com isso, passei a questionar-me sobre maneiras para que, através dessa relação entre linguagem e cultura, fosse possível expressar, manifestar, revelar a Tradição Lassalista.

O mais inquietante ao longo da minha trajetória na docência foi meu incessante pensar sobre como a língua que falamos, ou as línguas que falamos, podem influenciar na formação do sujeito. Eu ter nascido falante da língua portuguesa, me faz pensar de determinada maneira que o falante nativo de língua inglesa não pensa? Minha língua é capaz de me moldar? A quantidade de línguas que eu falo pode me tornar mais maleável culturalmente falando? Como esses aspectos culturais relacionados à linguagem e à comunicação têm efeito sobre nossa formação de identidade social? Por esses questionamentos, senti a necessidade de aprofundar meus estudos e entender como as questões de cultura e de linguagem podem influenciar na formação do sujeito e na sua identidade social.

Esses estudos começaram na minha Especialização em Produção e Revisão Textual. Nesta época, entre os anos de 2015 e 2016, tive a oportunidade de revisitar diversos tipos de textos, analisá-los, dissecá-los, pois esmiuçar cada parte deles era o propósito do curso. Eu havia terminado minha graduação no final de 2012 e voltava à sala de aula para compor uma parte do meu currículo que havia ficado para trás. Eu quase esqueci de contar, mas em determinado ponto de minha graduação, eu

precisei fazer uma escolha entre a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa, em função de uma mudança no currículo nacional. Acabei optando pelo Inglês, mas dentro de mim o Português havia deixado saudades. Assim, para não voltar à sala de aula da graduação e terminar o Português, optei por revisá-lo de outra forma, através do curso de Produção e Revisão Textual.

Foi nesta época que eu descobri que minha paixão pela Linguística era, na verdade, uma paixão por Semiótica e foi neste instante que eu comecei a misturar textos escritos e textos visuais para comporem minhas pesquisas. Aqui surge meu interesse pelos grafites e através da Análise do Discurso passei a desenvolver uma pesquisa referente aos grafites presentes nos muros da Mauá, em Porto Alegre. Nesses muros, há diversas inserções que estão localizadas na região de entrada da cidade. Eles me chamaram atenção, em especial, pelo fato de serem vistos por pessoas de todos os tipos, visto a localização dos muros e por estarem cercados de outras intervenções, como pichações, por exemplo. Dessa forma, meus primeiros questionamentos foram: quais as possíveis interpretações daqueles grafites? Como eles atingem cada parcela da população? Com quem eles dialogam de verdade?

Em seguida, outro questionamento passou a me inquietar: os grafites da Mauá estão em uma região extremamente tradicional e histórica da cidade de Porto Alegre, região que, por si só, gera muitos debates entre a população, visto que há uma parcela que pensa que o Muro da Mauá já deveria ter sido posto abaixo há muitos anos, mas há outro grupo que pensa que o Muro deve permanecer ali, pois já faz parte da história da cidade. No meio disso, como os grafites são percebidos pela população? Será que, para aqueles que não são a favor da permanência do Muro, esses grafites tiveram algum aspecto positivo? Será que, para esta parcela, ainda, os grafites só pioraram a situação? Para os adeptos à permanência do Muro, será que os grafites foram vistos como arte, capaz de deixar o local mais bonito e revitalizado? Como grafite e tradição se misturavam naquela área e como isso era percebido socialmente? Como esses grafites se inserem na cultura local e qual a importância deles naquele ambiente? Mais tarde, essa inquietação veio a ser o que deu cor e forma ao produto advindo desta pesquisa, pois foi após esse primeiro contato com os grafites que passei a pesquisar mais sobre o tema e sobre sua relevância para a arte contemporânea.

Abaixo é possível vermos uma imagem para termos noção da área total grafitada. No entanto, para a análise, eu selecionei 4 das inscrições em função do tempo reduzido para a pesquisa. As intervenções me pareciam, na época, seguir temáticas bem marcadas. Havia uma série de imagens que logo eram interrompidas por um pedaço de muro pintado de preto e, então, mais uma série de imagens, e outra, e outra. As 4 intervenções que escolhi eram de cada um desses blocos temáticos, para que eu pudesse compreender o todo, mas sem precisar analisar cada um deles detalhadamente.

Dessa análise, deduzi que os blocos discursivos convergiam para estabelecer um diálogo entre possível opressor e oprimido, pois, a meu ver, os blocos intercalavam entre posições contraditórias, ora sendo direcionados a um sujeito, ora a outro. Além disso, ao longo da pesquisa, fui percebendo que toda e qualquer interpretação era feita através da recuperação da memória. Assim, as imagens nos muros iam tomando um sentido e outro, ou seja, cada imagem podia ser ressignificada de acordo com as lembranças e histórias trazidas por cada sujeito. Esse caráter da imagem de dialogar com o público, dando-lhe possibilidades diversas de interpretação, passou a me chamar muito a atenção. Esse mundo novo de possibilidades que as imagens, enquanto discurso, traziam-me, associado aos grafites com todo esse ar que mistura arte e transgressão na mesma tela, fizeram-me abrir os olhos para uma série de novas questões, não só linguísticas, como no passado, mas também culturais e sociais deste ponto em diante.

### **Imagem 1: foto panorâmica dos muros da Mauá**



Fonte: autoria própria

### 3 O SURGIMENTO DA PROFESSORA LASSALISTA

Paralelamente a todo o meu andar acadêmico e a toda essa pesquisa, minha vida profissional também foi tomando outros rumos. Já se passavam 7 anos desde que eu havia iniciado na carreira de professora dentro do Challenge Centro de Idiomas. Minha primeira paixão em sala de aula foram as crianças com sua maneira natural e descompromissada como aprendiam me chamava muito a atenção. Aparentemente elas só estavam brincando quando, de repente, faziam relações, deduções e esquemas mentais extremamente elaborados. Desde 2007 eu trabalhava com o ensino de crianças, meu Trabalho de Conclusão na Graduação havia sido sobre a possibilidade da existência de um período crítico para a aprendizagem da segunda língua, mas não um que impossibilitasse a aprendizagem posterior a ele, mas sim que a dificultasse em função das mudanças cerebrais que acontecem por volta dos 7 anos de idade e, novamente, por volta dos 15. Dessa forma, minhas ações como professora neste segmento sempre foram as mais cuidadosas, em função da preciosidade que eu sabia estar carregando em minhas mãos.

Foi assim que me tornei Coordenadora Pedagógica do Segmento Kids da instituição que trabalhava. No Challenge eu ganhei espaço para me tornar o cérebro e o coração por trás desse segmento e fizemos mudanças e reformas importantes nos planos de aula e na metodologia adotada. No entanto a escola cresceu demais, tornou-se uma franquia e, no meio desse rápido crescimento, por alguns instantes me parecia que nos tornávamos mais empresa que escola. Foi quando me dei conta de que precisava mudar, pois a educação para mim estaria acima de qualquer coisa e eu não sentia mais estar fazendo a coisa certa. Nessa angústia interior, pensando em um futuro com bases sólidas no campo da educação enviei meu currículo para a escola La Salle Canoas. Recordar toda a minha infância e adolescência dentro dessa instituição foi um dos principais motivos que me fizeram escolhê-la, o La Salle já era parte da minha história enquanto aluna, agora gostaria de poder contribuir para a instituição como professora. O outro motivo teria sido a história da instituição como um todo, algo que apesar de naquela época eu ainda ter pouco conhecimento já me inspirava um misto de admiração e curiosidade.

Foi assim que entrei para a Rede La Salle, agora como professora, buscando mais sentido para minha carreira. Ser parte da Rede era um sonho, dessa forma, quando soube da minha primeira entrevista comecei a estudar um pouco mais sobre

as escolas, pois talvez me perguntassem: “por qual motivo você quis trabalhar no La Salle?”. Obviamente, caso essa pergunta me fosse feita, eu não poderia dizer somente que era por toda a minha história com a instituição, precisava dizer mais do que isso, precisava saber mais do que isso. Assim, entrei em contato com a Tradição Lassalista, formalmente, pela primeira vez. Pesquisei nos sites oficiais sobre o surgimento do Instituto, sobre a vinda dos Irmãos para o Brasil, sobre a chegada à cidade de Canoas. Nesse momento, fazia minhas primeiras pesquisas que começavam a me fazer compreender como a Tradição Lassalista se faz presente ainda hoje na sociedade. O que descobri na época, misturado com meu posterior viver diário na comunidade, se resume em algumas informações que estão tão presentes em mim que, a esta altura, já não sei mais de onde elas surgiram - se foram livros, sites, ou o próprio convívio na comunidade -, mas essas informações estão aqui dentro de mim e acabaram, de alguma forma, se misturando com a pesquisa e revisão bibliográfica que tornaram a confecção do produto deste mestrado profissional possível.

A Rede La Salle se origina da obra educativa iniciada por João Batista de La Salle no século XVII, na França, e hoje faz parte de uma instituição mundial, presente nos 5 continentes, em 77 países. Uma das primeiras coisas que chama atenção é que, apesar da proporção que a Rede tomou, ainda é possível presenciarmos o cuidado, o carinho, o sentimento de pertença com quem chega de longe para visitar outra comunidade. Seria fácil estabelecer um convívio fraterno nas comunidades locais, mas o instigante é ver como esse convívio de fato se estende globalmente ao recebermos Lassalistas de outras partes do mundo, ou ao sermos recebidos por eles. Candau (2016) diz que a identidade está relacionada com o sentimento de pertença a um grupo, assim identidade é algo ao mesmo tempo interno e externo, é uma relação entre o eu e o outro e é fundamental para a legitimação de um grupo, mas para isso precisa haver transmissão e compartilhamento de ideias e valores. Ele ainda diz que, quanto menor o grupo ao qual eu pertença, mais fácil de transmitir esses valores e fazer com que as memórias perdurem e, conseqüentemente, interfiram no processo de formação identitária. Assim, parece fácil transmitir os valores da Tradição Lassalista às pequenas comunidades, mas não em nível mundial.

O fato é que existe muita documentação, escritos e o compartilhamento desses. João Batista de La Salle deixou muitas coisas escritas e posteriormente os Irmãos foram escrevendo mais a respeito do que viviam e aprendiam e assim foram documentando e catalogando o que eu chamarei de o Velho Instituto, aquele que se

fez presente entre os séculos XVII, e XIX. Cada época descrita pelos Irmãos tem o cuidado de buscar nas primeiras palavras de João Batista de La Salle apoio para as mudanças necessárias a suas realidades. Assim, a tradição se atualiza sem que os princípios originários do Instituto se percam. Nesta dissertação, minha busca é por esses princípios, para que eu possa mostrar para outros leigos que La Salle é amor, respeito e diversidade desde o princípio, pois o amor é a base da pedagogia lassalista. O objetivo dessa dissertação é conectar a comunidade ao real sentido do que é ser Lassalista; é aproximar os alunos mais jovens aos nossos grupos de jovens e centros de pastorais; é fazer o aluno universitário sentir-se acolhido e bem-vindo, além de motivado a falar em nome da Instituição, orgulhar-se de ser Lassalista; é fazer com que o professor leigo viva os princípios da Instituição com seus alunos. Desse modo, esta dissertação nasce para mostrar que os ensinamentos de La Salle são sempre atuais, desde que sejam descritos de acordo com a realidade sócio-histórica em que estamos, ou seja, em pleno século XXI. Precisamos que o Velho Instituto se apresente como O Novo e é preciso forjar essa nova imagem de La Salle para que a sociedade atual se relacione com ela.

Assim, logo que cheguei à Rede para compor o time de professores, pude me sentir bem-vinda e extremamente útil, dois aspectos que são considerados essenciais desde o princípio do Instituto, pois quem chega à comunidade deve sentir-se acolhido. Eu havia chegado para iniciar um projeto importantíssimo na área da língua inglesa. Em 2015, eu chegava ao La Salle Canoas para trabalhar com as primeiras turmas que teriam 5 períodos semanais de língua inglesa. Inicialmente esse projeto se estenderia às turmas de sexto e sétimos anos, com o objetivo de se expandir para todo o fundamental 2 nos anos seguintes. Além disso, essas turmas fariam parte de um projeto em parceria com a Cambridge University Press. Assim, ao final do nono ano, as turmas estariam capacitadas a fazerem uma das provas internacionais oferecidas pela Cambridge ESOL, a Cambridge Preliminary. Hoje, 4 anos após minha chegada, já tivemos nossas primeiras turmas aprovadas na prova e estamos no caminho para mais aprovações.

No La Salle Canoas, passei a me sentir como parte da comunidade e é impossível falar nesse sentimento de pertencimento sem citar algumas leituras de Bauman que realizei ao longo do meu percurso pelo PPG em Memória Social e Bens Culturais. Bauman (2005) diz que existem comunidades de vida e de destino. Na primeira, estaríamos unidos por uma conexão absoluta, como no caso de uma

nação, por exemplo; na segunda, estamos “fundidos unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios” (BAUMAN, 2005, p. 17), ou seja, escolhamos fazer parte daquela comunidade organizada ao redor de ideais.

De acordo com Bauman, é neste segundo modelo de comunidade que está presente a questão de identidade. Segundo o autor, a identidade e o pertencimento “são bastante negociáveis e revogáveis. As decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade.” (BAUMAN, 2005, p. 17). No entanto, para que o sujeito tenha essa determinação de manter-se firme quanto a sua identidade, é preciso que tenha havido transmissão dos aspectos que a formam, como já havíamos visto com Candau (2016). Esse processo de transmissão gera uma preservação das memórias, justamente, onde iremos encontrar os aspectos necessários para manter e consolidar o conjunto de características que se tornarão nossa identidade.

Bauman diz que a escolha por determinada comunidade de ideias pode ocorrer por “uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido [...] e pelos prováveis benefícios que estes podem então oferecer a outras pessoas.” (2005, p.20). Quando trago todas essas leituras para minha realidade, fica claro que minha missão como educadora e minha crença em uma educação que valoriza os aspectos humanos me aproximaram da Rede La Salle para que aqui eu encontrasse um grupo social que se une pelos ideais da educação solidificados no amor pelas pessoas e pelo educar. Essa clareza quanto a essa minha busca identitária, a esse pertencimento à comunidade é que me fez querer, por meio da arte, das linguagens, instigar essa busca no restante da comunidade também.

Nem todos os que cruzam o Campus da Universidade La Salle sabem o que de fato é a instituição, nem todos os que pensam no Instituto, ou em seu fundador, percebem todo o ideal educativo que há por trás de todos esses anos de trabalho comunitário. Por isso, é preciso revisitar a Tradição e atualizá-la de tal forma que as pessoas sintam-se convidadas, instigadas, motivadas a saber mais sobre La Salle, não o fundador em si, mas todo o legado que ele deixou através da Tradição Lassalista. Meu principal objetivo era possibilitar que o maior número de pessoas possível entrasse em contato com a Tradição Lassalista, pudesse ver, através das artes, um La Salle que não enxergava antes, um La Salle moderno, à frente de seu tempo, que respeita as diferenças, que espalha o amor. Um La Salle que viveu no século XVII,

mas que ainda hoje é atual, visto que a educação ainda precisa ser solidificada no amor e na fraternidade; ainda precisa ensinar valores, e não somente conteúdos; ainda precisa falar sobre espiritualidade, num mundo de relações superficiais em que as pessoas não confiam mais umas nas outras. Essas questões me moviam e me fizeram estudar, mergulhar na Tradição para que posteriormente ela pudesse ser traduzida para o mural, que, como já mencionado, foi o suporte escolhido dentro da área de Arte Urbana para revitalizar a imagem de La Salle. O mural foi a forma eleita por se tratar de um dos suportes mais inerentes à pós-modernidade, fato que explicarei mais à frente. A revitalização, por sua vez, se fazia necessária, em razão de todos os aspectos citados até aqui. O fato é que hoje existem na instituição imagens de La Salle, o fundador, um homem, um santo do século XVII que pouco fala aos jovens de hoje. No entanto, ao transpormos esse La Salle juntamente com a Tradição Lassalista para um novo quadro, moderno, que se conecte com a sociedade atual, não teremos mais uma simples imagem do fundador, mas sim uma releitura de tudo aquilo que compõe a Tradição.



#### 4 OS PRIMEIROS PASSOS NA MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

Assim, cheguei no PPG em Memória Social e Bens Culturais, pois vi ali a chance de unir duas paixões: o universo dos grafites e o universo lassalista. Para isso, como de praxe, eu passei por uma banca para avaliar a pertinência das minhas propostas para o curso e para a universidade como um todo. Portanto, argumentei que, em função da minha formação na área das linguagens, eu acredito que ela tenha um papel fundamental no processo de construção identitária. Expliquei ainda que linguagem não era somente verbal e que precisávamos valorizar a linguagem imagética que, por muito tempo, foi desvalorizada. Nesse sentido, cheguei até os grafites, que unem imagem e texto em uma só obra, além de serem carregados de ideologia, ou seja, uma arte forte o suficiente para impactar o público.

Falei de uma inspiração para aquele projeto: a obra mural "Todos Somos Um", de Eduardo Kobra, realizada na cidade do Rio de Janeiro. Expliquei que imaginava um projeto de artes urbanas por meio do qual fosse possível comunicar novos sentidos e, ao mesmo tempo, celebrar tradições e valores que considero universais e atemporais. Em "Todos Somos Um", Kobra inspira-se na ideia de representar os cinco aros olímpicos que simbolizam os cinco continentes e, assim, o autor reproduz cinco povos originários de cada um dos continentes. O mural, portanto, reflete diferentes povos, bem demarcados, num mural cujo nome reflete união, visando, assim, simbolizar a união e a paz entre esses diferentes grupos que ali estão. Meu objetivo era o de tentar, de forma parecida, representar a diversidade presente nas Comunidades Lassalistas através de uma obra de arte que fosse contemporânea, que se conectasse com o jovem. Além disso, outra inspiração primeira me motivava: meu primeiro contato com grafite e tradição lado a lado nos Muros da Mauá. Essa pesquisa advinda da minha Especialização me deixou algumas marcas para que eu acreditasse que o grafite, como instrumento da arte urbana, pudesse representar a Tradição Lassalista, pudesse fazer essa conexão entre o velho e o novo, entre passado e presente, entre lá e cá.

Imaginei, junto aos professores, a potência de uma obra de arte urbana representando toda a entrega e a dedicação para com a educação que caracteriza a tradição Lassalista e a minha prática docente. Nessa tradição, enxerga-se o mundo com um olhar amoroso e solidário e luta-se por um mundo com mais respeito e justiça. Assim, ao ter contato com o mural de Eduardo Kobra, foi inevitável sentir este

desejo de analisar as percepções possíveis dentro do conceito de diversidade, com o intuito de envolver essa diversidade em torno de uma possível unidade: a de que somos seres humanos e compartilhamos isso enquanto identidade una. Assim, poderíamos almejar uma compreensão de diversidade que fosse mais humanista, que se envolvesse com os preceitos da tradição Lassalista e trouxesse mais amor e respeito para nossa sociedade.

Meus argumentos foram aceitos e, em março de 2017, comecei meus estudos no PPG em questão. Minha linha de pesquisa era a de Memória e Linguagens Culturais. Logo, todas as minhas pesquisas foram direcionadas para a construção da memória com relação a formas de expressão e de recepção das culturas em diferentes suportes e linguagens. Assim, ao longo das disciplinas, meu foco era sempre na relação entre cultura e linguagem e em como ambas eram essenciais para a construção de memória e identidade social. Acreditei que, por esse caminho, conseguiria achar os argumentos mais apropriados para defender a escolha do grafite enquanto suporte linguístico e artístico para representar a Tradição Lassalista.

Ao longo do primeiro ano de curso, procurei fazer todas as disciplinas possíveis, a fim de entrar em contato com a maior quantidade de autores e pensamento para que eu pudesse escolher aqueles que me acompanhariam ao longo do restante do percurso. Dos autores mais trabalhados dentro do PPG, posso dizer que os que permaneceram comigo até o final desta dissertação foram Candau e Maffesoli. Candau, pelo fato de trazer muitas contribuições quanto à relação entre linguagem, cultura e identidade; Maffesoli, pela maneira como trata das realidades atuais, das "tribos" e das relações grupais que se desenvolvem na contemporaneidade. Esses conceitos me acompanham e irão me ajudar nos capítulos seguintes a explicar as relações interpessoais relacionadas à formação e manutenção de memória.

Outros autores menos frequentes dentro do PPG, mas também trazidos para esta dissertação foram Morin e Bauman. Morin dialoga com a própria Tradição Lassalista para estabelecermos conceitos de diversidade e unidade e como um está presente no outro. Bauman dialoga com Candau e Maffesoli, construindo conceitos de identidade e relações sociais. Alguns outros autores aparecem posteriormente em função de leituras sugeridas pela minha orientadora e por meu co-orientador, no entanto esses quatro autores foram os que deram mais contribuição para que eu

pudesse melhor organizar minha argumentação e raciocínio daqui para frente, bem como para que eu pudesse internalizar os conceitos de cultura, memória e tradição, que fazem parte de toda a base para esta dissertação. Dessa forma, é importante delimitarmos cada um desses conceitos, para que você leitor, compreenda exatamente o que digo ao longo das próximas páginas. Além disso, preciso dizer que as definições aqui presentes de cultura, memória e tradição, são um misto das leituras que fiz, juntamente com minhas próprias opiniões que foram se moldando ao longo de todas as discussões presentes no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais.

Primeiramente, pensemos no conceito de cultura. Ao pensarmos na cultura em si, podemos defini-la como um amplo sistema simbólico que organiza as formas de expressão humana como um todo. No entanto, podemos igualmente defini-la como o conjunto de crenças, artes e costumes de determinada sociedade ou comunidade. Nesse último caso, temos culturas diversas, pois cada comunidade, cada povo vai desenvolver seus próprios hábitos, ritos, costumes, crenças. Tal situação, por sua vez, fará parte da prática social daquela comunidade, ou seja, do cotidiano local. Essas práticas serão transmitidas e algumas serão aprendidas e incorporadas, outras não. Tudo isso faz parte do processo cultural de um povo e faz da cultura algo que está intimamente ligado à memória, visto que há transmissão; bem como à identidade coletiva, já que, como diz Candau (2016) as práticas culturais vão moldando o dia a dia da comunidade de forma a aproximar sujeitos que se identificam por terem a mesma prática social. Quando falamos da cultura Lassalista, por exemplo, é esse o modelo mental, isto é, o conceito que estamos usando.

Seguindo para a memória, me arrisco a dizer, que esse é o termo de maior abrangência tratado nesta dissertação. Por isso, vamos tratar somente de três eixos da memória: a construção de uma memória coletiva, a relação entre memória e identidade e a relação entre memória e tempo. O conceito de memória coletiva surge em Halbwachs (1990) e o ponto principal da obra *A memória coletiva* consiste na afirmação de que recordar torna-se possível a partir do momento em que eu consigo me alinhar com o ponto de vista de outros do meu grupo, formando assim, um grupo de referência capaz de me apoiar na construção memorial. O trabalho desse grupo, juntamente com meu processo interior de recuperação de lembranças vai armazenar ações significativas do passado e do presente que, ao passar do tempo e através de

estímulos, serão transmitidas, valorizadas, apagadas, etc. Esses processos fazem parte de um trabalho memorial, que vai construir a memória de uma comunidade, de um grupo. Dessa forma, a memória tem o papel de agrupar vivências, histórias, informações, que, por sua vez, formarão a singularidade de um grupo, ou seja, aquilo que ele tem de único: sua identidade. Além disso, todo esse vai e vem memorial traz em si a questão temporal, um fio condutor entre passado, presente, futuro. Para Todorov (2000) a memória teria como papel reconstruir e preservar o passado para que ele fosse útil ao presente e ao futuro. Acredito que neste ponto a memória passa a estar ligada com as questões de Tradição, visto que é esse trabalho memorial que vai coletar, reunir atos do passado para que sejam transmitidas e, por fim, para tornarem-se atos tradicionais. Por fim, ao pensarmos em memória, o mais importante é compreendermos que memória é um vai e vem constante, construção, reconstrução e, por vezes, destruição, ou seja: memória é trabalho.

Por fim, o último conceito que precisamos delimitar, para que esta leitura flua como gostaríamos, é o conceito de Tradição. Primeiramente, é importante dizermos que entendemos tradição como um processo que envolve memória e práticas culturais. Isso quer dizer que para que haja tradição a memória precisa fazer o seu trabalho de resgate e manutenção dos costumes e das crenças antigas, o grupo de referência precisa dialogar sobre e vivenciar esse trabalho memorial que está sendo feito para que, então, esse processo torne-se prática cultural ativa dentro da comunidade em questão e, por fim, esta prática seria sustentada e assegurada pelas memórias do grupo. No entanto, essas memórias passam por um processo de negociação a todo momento, isso quer dizer que, antes de serem transmitidas há um processo de resgate, análise, validação e organização dessas tradições diante do momento em que os sujeitos se encontram. Nesse sentido, para Candau (2016), a tradição é um passado atualizado ao presente e é dessa forma que projetamos nosso entendimento de tradição ao longo desta dissertação. Por isso, nossa proposta quanto à Tradição Lassalista é de promover essa atualização; adequação ao presente; negociação entre práticas, costumes e crenças do passado, para uma configuração atual, justamente para que essa tradição passe pelos processos necessários para sua manutenção. Assim, a tradição poderá tornar-se peça fundamental no processo de construção identitária de uma comunidade, pois a tradição irá contribuir para a construção de uma unidade.

## 5 COMPREENDENDO A COMUNIDADE LASSALISTA

Com o objetivo de unirmos tradição e contemporaneidade, debruicei-me sobre a Tradição Lassalista através da literatura escrita por La Salle e pelos Irmãos, bem como através do acervo iconográfico da instituição, buscando sempre encontrar aqueles aspectos formadores do instituto que são vividos até hoje. Assim, todos os capítulos desta dissertação que falam sobre o fundador e sua obra procuram convergir para o mesmo caminho: encontrar os elementos essenciais para compor o mural da Tradição Lassalista. Dessa forma, minhas memórias e leituras vão mesclando-se em um vai e vem entre o velho e o novo, para que conseguíssemos abstrair os elementos que comporiam o mural. Como não poderia ser diferente, o início de toda a pesquisa centra-se no fundador e em tudo o que ele acreditava que deveria compor o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. A partir daí, os elementos encontrados me serviriam de norteadores para que eu pudesse compreender como eles permaneceram na tradição até os dias atuais.

La Salle (1651-1719) viveu na França, foi sacerdote e pedagogo e, desde muito cedo, demonstrava grande interesse pela vida religiosa, mas teve uma série de desafios em sua caminhada, como a morte dos pais e, por consequência, a necessidade de voltar-se aos cuidados dos irmãos. Ao me deparar com esse fato, foi impossível não me pôr a pensar sobre as dificuldades passadas por João Batista de La Salle. Se pensarmos nos dias de hoje, apesar de tudo o que já conquistamos quanto à qualidade e facilidade de vida, seremos capazes de perceber o quão difícil é para alguém mudar todos os seus planos e se voltar ao cuidado da família. Largar estudos, seu meio social, voltar-se a outras tarefas e exigências. Ponho-me a imaginar que, no século XVII, isso deveria ser uma tarefa muito mais árdua. No entanto, La Salle fez disso um aprendizado e não se deixou abater. Essa eventualidade fez com que ele encontrasse um orientador em seu primo Nicolau Roland, fazendo com que os dois se aproximassem. Conforme nos conta o Irmão Weschenfelder (2006), Nicolau era quem tinha o projeto de abrir escolas para pobres e, com seu falecimento, ele delega suas responsabilidades a João Batista de La Salle, que segue a cuidar dos projetos que o primo já havia iniciado. Weschenfelder (2006, p.15) diz que "já em 1678, seu amigo e diretor espiritual, Cônego Nicolau Roland, antes de falecer, confia-lhe o cuidado da Congregação Docente das Irmãs do Menino Jesus".

Assim, La Salle dá seu primeiro passo nesta caminhada que o levaria a ser reconhecido como o ícone que é atualmente. Posterior a isso, conforme a história que nos conta o Irmão Weschenfelder, La Salle conhece um professor chamado Adriano Nyel, que também queria fundar escolas gratuitas, mas o foco do Sr. Nyel eram os meninos pobres de Reims. Foi através desse encontro que La Salle deu continuidade a sua caminhada rumo ao terceiro passo, pois

frente ao sucesso alcançado a partir das orientações do jovem Cônego João Batista de La Salle, o Sr. Nyel concluiu que era preciso aproveitar o momento favorável e aceitar pedidos para a fundação de outras escolas, porém com a colaboração e o comprometimento de La Salle. (WESCHENFELDER, 2006, p.16)

Considerando a situação de miséria existente na França naquele período, La Salle sensibilizava-se cada vez mais, pois a maioria das crianças não tinha perspectiva de um futuro promissor. Assim, ele decide comprometer-se com a obra e, em 1680, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs começa a ganhar forma na cidade de Reims, França. Nesse mesmo ano, La Salle obtém seu doutorado em Teologia e "conhecendo a precariedade de formação dos mestres" passa a reuni-los em sua casa, para "oferecer-lhes melhor preparo e iniciá-los na vida comunitária." (WESCHENFELDER, 2006, p.17)

A vida comunitária começou nesse momento, primeiramente para viabilizar o propósito de melhor formar os educadores, visto as condições econômicas deles. Nessa primeira etapa, era uma necessidade ter esses professores em um mesmo ambiente no qual eles tivessem suas necessidades atendidas para que pudessem estar comprometidos inteiramente com a missão de educar. "No processo pedagógico que se desenvolvia, os mestres que La Salle formava resolveram chamar-se de Irmãos junto a seus alunos, já em meados de 1683." (WESCHENFELDER, 2006, p. 19). Neste ponto da história, que nos é contado pelo Irmão Weschenfelder, percebemos como, de fato, iniciou-se o processo da vida em comunidade. La Salle percebe que não só os alunos precisavam de apoio, mas também seus professores. Desde o início, La Salle preocupava-se com a educação das crianças pobres, mas ele sabia que, para ter uma educação de qualidade, precisava dar uma certa estrutura a seus professores em primeiro lugar. Isso quer dizer que a vida nas comunidades Lassalistas, desde o princípio, servia para que os demais se apoiassem e cuidassem uns dos outros em busca de crescimento mútuo. La Salle acreditava que a formação e a orientação dos professores eram ainda mais importantes que a dos alunos, visto

que seriam esses educadores os responsáveis por cuidar da vida de cada um dos estudantes. Para La Salle, o professor deveria estar seguro de sua missão e função, para que pudesse exercer seu papel de educador e “anjo da guarda” de seus alunos, conforme ele mesmo cita nas Meditações.

Dessa forma, crianças e jovens recebidos nas escolas sentiam um espírito de acolhimento familiar. Além disso, as escolas Lassalistas introduziram uma série de inovações quanto aos métodos de ensino, como ensinar em grupos; usar a língua francesa e não mais o latim; dividir os alunos por idade e por nível de conhecimento; manter fichas para o acompanhamento dos alunos; entre outras coisas que eram novidades na França inteira. Assim,

a perseguição às escolas de La Salle não tardou a aparecer em Paris. Já em 1690, os mestres das 'pequenas escolas' observaram o novo fenômeno pedagógico que invadia a cidade, com nova metodologia, com excelente organização, com método simultâneo de alfabetização e também com alfabetização em língua vernácula. (WESCHENFELDER, 2006, p.20 e 21)

Professores de escolas da região passaram a mover processos contra La Salle e sua equipe. Com isso, La Salle passou a perder alguns processos judiciais e, ao mesmo tempo, já estava sofrendo oposição das autoridades eclesiásticas, pois a estrutura das escolas não estava “de acordo com a prática daquele tempo, já que a educação estava entregue aos clérigos em todo o reino de França.” (WESCHENFELDER, 2006, p. 22). Por fim, o Irmão Weschenfelder nos conta que, apesar de tudo, La Salle e os Irmãos conseguiram vencer a perseguição e deram continuidade a sua proposta educativa.

Isso quer dizer que La Salle fez grandes transformações no sistema de educação francês. Ele e os Irmãos criaram e consolidaram uma rede de escolas que tinha como princípio a caridade e a educação daqueles e para aqueles que eram privados dela. Além disso, ele sempre pensou no bem-estar dos professores e demonstrava grande preocupação com a formação do ser humano por completo no âmbito cognitivo, social e espiritual. Eu me debrucei nessas questões históricas, pois as percebo como aspectos essenciais para compormos o mural de La Salle. Saber como as comunidades começaram, quais eram as preocupações iniciais de João Batista de La Salle e a importância de tudo isso é um aspecto indispensável para construir um mural que realmente retrate a Tradição como um todo, pois o objetivo central é fazer com que quem entre no Campus da Universidade La Salle Canoas estabeleça contato com o Universo Lassalista e não com uma imagem do fundador

somente. O objetivo principal, portanto, é fazer com que as pessoas sintam-se Lassalistas, entendam que Ser La Salle é um estilo de vida e identifiquem-se com ele realmente.



## 6 O CARISMA E A MISSÃO LASSALISTA

Todo o cuidado e atenção desprendidos por La Salle para com os alunos e os Irmãos foram configurando uma maneira de agir dentro do Instituto, o que podemos dizer ter se tornado a missão de todos que ali vivem. Essa missão Lassalista está em educar dentro dos preceitos do Evangelho. A preocupação com as relações pessoais, com as famílias, com o acolhimento, o respeito ao próximo, entre outras ações vividas no Instituto, são sempre citados como atos pertencentes ao Carisma Lassalista, que talvez possamos afirmar ser o valor mais importante dentro da Tradição, justamente pelo fato de englobar muitos outros valores e ações dentro dele. No entanto, explicar o que é o carisma é algo extremamente complexo e não tenho certeza de que, ao longo dessas páginas, conseguirei expressar realmente toda a força e amplitude.

O Irmão Edgar Nicodem, Irmão Provincial da Província La Salle Brasil-Chile, neste ano de 2018, nos explica que "todos os fiéis são portadores da mesma dignidade, sendo chamados à santidade e a cooperar na edificação da Igreja, de acordo com a especificidade de sua vocação, recebida como dom do Espírito Santo." (2017, p. 54). Até aqui, compreendemos que o carisma é um chamado espiritual para que através da nossa vocação possamos levar a palavra de Deus adiante. Os Lassalistas, portanto, estão sempre a serviço da comunidade e penso que o amor é a força que move o carisma, visto que o ensinamento mais importante do Evangelho é o de amarmos ao próximo. Além disso, observo ao longo das minhas leituras e vivência na Rede que as Comunidades Lassalistas são estruturadas de forma que possibilitam que cada um viva sua vocação dentro de uma formação acadêmica específica praticando a missão Lassalista no seu dia a dia.

Escolho as palavras do Irmão Nicodem para continuar a explicar o Carisma devido a sua importância para nossa comunidade, mas também devido a um dos meus objetivos principais: o de unir o velho e o novo. Através da fala do Irmão Nicodem podemos perceber esse conceito extremamente antigo na Tradição, presente ainda com muita força nos dias de hoje. O conceito de Carisma está presente nos escritos de La Salle e, através do empenho dos Irmãos, ele foi adaptando-se às novas realidades e permaneceu como uma das características mais fortes dentro das Comunidades Lassalistas até hoje.

Viver a comunidade é viver no Carisma, o que o Irmão Nicodem continua dizendo ser o conjunto dos “dons do Espírito Santo a serviço do Reino de Deus.” (2017, p. 54). Dessa forma, a rede não para de crescer, entre Irmãos e leigos que se acolhem e se acompanham - todos são bem-vindos a partilhar sua missão em prol da comunidade, pois,

Os carismas para Paulo [referindo-se a São Paulo] estão sempre a serviço da comunidade. A imagem do corpo, referida a Cristo, tem um caráter antropológico, sacramental e ético. O amor é a plataforma vital sobre a qual devem brotar e atuar os carismas. O amor edifica os carismas com seu dinamismo vertical (relação com Deus) e horizontal (serviço à comunidade). (NICODEM, 2017, p. 55)

Assim, Carisma se configura como um conceito extremamente difícil de ser explicado. Podemos dizer que o carisma é um dom, dom este relacionado à vocação do sujeito e capaz de fazer com que Irmãos e leigos se associem em prol desse bem maior que é a educação cristã. Podemos, igualmente, dizer que carisma é um chamado espiritual. Carisma ainda pode ser uma chama interior de amor a Deus, amor que se dá de todo coração e alma e, conseqüentemente, acaba sendo compartilhado com o próximo. Carisma pode ser partilha, respeito, companheirismo, empatia, solidariedade. Carisma é o conjunto de ações que fazemos através do amor em Cristo e pelo amor ao próximo. Assim, Irmãos e leigos têm um forte compromisso e responsabilidade com o carisma, pois eles são, como diz no 44º Capítulo Geral<sup>1</sup> “coração, memória e garantia do carisma lassaliano”.

Com todo esse panorama em mente, o desafio dos Lassalistas é o de propiciar no dia a dia das comunidades situações efetivas de carisma e momentos dentro da comunidade educativa em que o carisma seja vivenciado para que cada vez mais pessoas o vivam de fato. Por fim, nessa grande complexidade que é o carisma, recorro a uma analogia feita pelo Irmão Nicodem. O Irmão nos dá uma grande lição sobre algo que ele chama de “nova normalidade” - o efeito causado quando alguém precisa reconfigurar sua vida de maneira extrema em função de um evento ocorrido, a partir deste momento a velha normalidade já não existe mais e o sujeito precisa adaptar-se ao novo. - Para ele, essa “nova normalidade” está presente, por exemplo, no ato da ressurreição, momento no qual todos precisam mudar sua forma de viver e acreditar. Segundo Nicodem, “o cristianismo somente teve futuro porque as primeiras comunidades cristãs aceitaram o desafio de viver a nova realidade [...]” (NICO-

---

<sup>1</sup> Cf. Documentos do 44º Capítulo Geral, p.22.

DEM, 2017, p. 60). Assim, o Irmão relaciona a “nova normalidade” ao Carisma e diz que acredita que viver o carisma pode causar momentos de “nova normalidade”, nos quais podemos obter grandes mudanças positivas através da fé.

Num mundo que arde em divisões e exclusões, a missão do carisma lassalista é ser um lugar de inclusão fraternal. Um lugar onde as crianças, os jovens, os adultos, as famílias e os educadores podem livremente estabelecer relações de amizade, de fraternidade e de solidariedade que superam os limites da comunidade educativa. Um lugar de partilha, onde Irmãos e leigos assumem, com toda a riqueza da diversidade, a missão educativa lassalista, segundo o carisma que a Igreja recebeu na pessoa de São João Batista de La Salle. (NICODEM, 2017, p. 60).

Dessa forma, nós, enquanto Lassalistas, seríamos os responsáveis por viver e, conseqüentemente, disseminar essa “nova normalidade” da qual o Irmão nos fala. Poderíamos, dessa forma, engajar a comunidade como um todo nessa busca pelo viver em harmonia, partilha e respeito. Temos a oportunidade de nos enxergarmos como portadores de carisma, a fim de vivê-lo, partilhá-lo e fazer com que a comunidade pulse carisma, pois, no final das contas, muito além de ser explicado, o carisma deve mesmo é ser vivido e isso precisava aparecer no mural. O Carisma Lassalista é um conceito que precisava ser representado, pois é o coração de toda a comunidade. Se a figura de La Salle é nosso objeto central, ou seja, aquele que fez surgir toda a Tradição, o Carisma torna-se o fio condutor de todo o amor encontrado nas comunidades.

## 7 A ESPIRITUALIDADE

Como já foi mencionado, o Carisma está relacionado com nossa espiritualidade, aspecto que também compõe grande parte da literatura Lassalista; e como o objetivo desta dissertação é promover este encontro entre passado e presente, para compreendermos sobre a espiritualidade, recorri diretamente ao fundador e fui buscar nas *Meditações* o que La Salle compreendia por espiritualidade e como isso pode ser transposto para os dias de hoje.

Sabemos que La Salle sempre teve interesse pela vida religiosa e, ao fundar o Instituto, não deixou seus princípios de lado e fez da escola lugar de grande espiritualidade, primeiramente reforçando a busca espiritual entre seus professores, depois fazendo com que eles criassem o hábito da leitura do Evangelho e fizessem suas orações. Assim, desde o princípio do Instituto, La Salle insistiu na importância da oração e, em particular, da oração mental, que ele acabou chamando de meditação. Foi assim, com o intuito de instigar, de motivar e de ensinar seus professores a fazerem suas meditações que ele começa a escrever um guia que posteriormente tornou-se o livro das *Meditações*.

As *Meditações*, portanto, referem-se a práticas da vida espiritual e comunitária dos Irmãos; este seria o momento em que os Irmãos estariam em contato direto com Deus, reforçando sua espiritualidade e pedindo forças para que fossem firmes na luta que estavam travando. Por meio de toda a leitura com que tive contato, acredito ser possível dizer que La Salle tinha muita fé e era muito espiritualizado; acreditava que, ao estreitarmos os laços com Deus, seguiríamos com mais convicção quanto a nossa missão e vocação. Parece-me que La Salle previa os desafios existentes no magistério, previa as dificuldades, a luta que precisaria travar diariamente para consolidar uma maneira de ensinar que não era utilizada antes dele. Assim, queria certificar-se de que seus professores estariam fortes em sua fé, certos quanto ao caminho escolhido, pois só assim seriam vencedores nessa caminhada que fariam juntos.

As *Meditações*, foram escritas por La Salle como uma espécie de guia para orientar os Irmãos a fim de que pudessem fazer suas orações adequadamente. Vale lembrar que a própria escrita de La Salle não era rebuscada, mas sim de fácil compreensão. Entre as *Meditações* temos: as *Meditações* para todos os Domingos do Ano (MD); as *Meditações* sobre as principais Festas do Ano (MF); e as *Meditações*

para o Tempo de Retiro (MR). Precisamos lembrar que muitos dos professores de La Salle eram pessoas humildes, comprometidas com a educação, mas sem a bagagem cultural e espiritual de João Batista de La Salle, de modo que ele precisava, primeiro, ensinar os professores a fazerem suas orações.

Assim, fica claro que La Salle jamais deixa de alinhar seu propósito educativo com sua vocação religiosa e busca entrelaçar ambos na formação do Instituto, tanto que, logo no início de Meditações para todos os Domingos do Ano, podemos ler o seguinte: “Sobre o dever que tendes de preparar vossos corações e os daqueles que estais encarregados de instruir para receber Nosso Senhor e suas santas máximas”. (LA SALLE, 1988, p.13). Ou seja, um dos propósitos das meditações era o de preparar a comunidade como um todo para receber a Deus e seus ensinamentos.

Ao longo de Meditações para todos os Domingos do Ano, também é possível perceber que La Salle ressalta o fato de que os professores seriam anjos enviados por Deus para guiar e preparar o caminho dos alunos. Portanto, assim como anjos, os mestres deveriam “estar completamente desprendidos do corpo e dos prazeres dos sentidos, de maneira que pareça que só possui alma, e que esta é o único objeto de vossas solitudes [...]” (LA SALLE, 1988, p.13). É muito interessante nos atentarmos para essa passagem, pois nela fica muito claro como João Batista de La Salle percebia a Irmandade. Para ele, o serviço que ele e seus educadores estavam fazendo era tão grandioso que não poderia se deixar abalar pela leviandade dos prazeres mundanos. La Salle e os demais Irmãos eram responsáveis por levar a palavra de Deus e eram responsáveis pelas vidas, almas, corações dos jovens dentro do Instituto e não poderiam deixar de cumprir sua missão com excelência.

Dessa forma, após essas leituras, ficou bastante claro para mim o quanto La Salle, de fato, se preocupava primeiro com a formação de seus professores, para garantir que eles estivessem preparados para estar em sala de aula com os alunos. Assim como La Salle preocupava-se com a formação integral do seu aluno, tinha a mesma preocupação com seus professores, visto que o ensino se dá principalmente pelo exemplo e pelo convívio diário. La Salle queria ter professores preparados para educar seus alunos não só sobre os conteúdos obrigatórios, mas também sobre o Evangelho e a palavra de Cristo. Para tanto, os professores deveriam estar abertos para sentirem a palavra de Deus, de forma que, crendo, pudessem passar essa palavra adiante. Nas Meditações, lemos o seguinte trecho: “em primeiro lugar, dispor os vossos [corações], para que se encham de zelo e, assim, vossas palavras se tor-

nem eficazes naqueles que instruíis.” (LA SALLE, 1988, p.14). Isso me faz perceber que La Salle acreditava muito no ensino pelo exemplo, como já mencionado, visto que, ao longo das Meditações, deparei-me com vários trechos, como esse, que dão a entender que, em primeiro lugar, o professor deve viver o que quer ensinar, para que assim seja o exemplo a ser seguido pelos seus alunos.

Para La Salle, ele e os demais Irmãos eram portadores da voz de Deus e deveriam guiar os alunos para uma vida em comunhão com Jesus Cristo, vida, na qual os ensinamentos do Evangelho fossem aplicados cotidianamente. Assim, a convivência no Instituto seria sempre baseada nos ensinamentos de Cristo e a comunidade faria dos Irmãos seres mais fortes, em unidade, nesses atos colaborativos em prol de um bem maior que seria o serviço prestado no Instituto. Isso nos faz perceber o Carisma Lassalista na prática, ou seja, sendo vivido e ensinado no dia a dia da comunidade. Tudo isso, ao longo da pesquisa, vai me certificando de que Carisma de fato é o que move a comunidade como um todo, é o coração que faz as comunidades pulsarem.

Considerando o andamento da pesquisa, eu sentia que, para a execução do mural, deveríamos retratar La Salle como centro de tudo; deveríamos retratar o Carisma como o coração das comunidades, mas a espiritualidade também deveria se fazer presente visto que era a base por trás de todo o Instituto. Era o que dava força para que La Salle e os Irmãos continuassem sua obra. Um dos objetivos de La Salle, através das Meditações, era o de reforçar aquelas características que ele acredita serem vitais para a vida nas comunidades Lassalistas. Ele ia envolvendo os Irmãos nas leituras do Evangelho, desenvolvendo ao máximo possível a espiritualidade deles, lembrando-lhes os valores pregados por Jesus Cristo e certificando-se de que os Irmãos mantinham vivos esses valores no seu dia a dia, sempre com paciência, amor, respeito e zelo, palavras que ele repete muitas vezes ao longo de suas Meditações. La Salle desejava inspirar uma vida de amor, de respeito e de fraternidade.

A educação Lassalista, dessa forma, vai se pavimentando através de uma proposta humanista e cristã, uma proposta inspirada na fé que reforça a esperança e o convívio em paz. Assim, a educação Lassalista, nos nossos dias, tende a reforçar os valores humanistas cristãos, bem como fazia anos atrás, aceitando os desafios da realidade social de cada tempo em que está inserida, tentando trazer à tona aquela “nova normalidade”, mencionada pelo Irmão Nicodem. Sob a luz da espiritualidade, as realidades adquirem outro valor, são percebidas de outra forma, ganham

outros pesos, pois atitudes e decisões são tomadas e avaliadas pelo olhar amoroso de Deus.

A espiritualidade, portanto, na visão Lassalista, está fortemente relacionada ao Evangelho na forma de ser, de conviver e de servir das pessoas envolvidas no processo. O amor, o acolhimento, a solidariedade e a esperança fazem parte da missão Lassalista e os nela envolvidos são inspirados pelas palavras de Jesus. Nesse contexto, a experiência do amor é fundamental para que a missão seja cumprida. Conforme diz o Irmão Paulo Dullius, o sujeito, que vive a realidade das Comunidades Lassalistas, “[...] decide-se ser a presença de Deus para as pessoas em atitudes com as d’Ele, em bondade, em compreensão, em aceitação, em misericórdia...” (2017, p. 81). A fé é, nesse contexto, um dinamismo que unifica a vida, que lhe dá sentido e valor. Assim, La Salle recorre a expressões como "espírito cristão", “espírito do cristianismo”, “espírito de fé”, para falar da fé enquanto modo de ver e valorizar a realidade. Segundo ele, esse espírito seria fundamental, seria a chave que possibilita uma particular leitura do mundo - os bons modos nas relações humanas, o sentir amor pelo próximo e o viver de acordo com os exemplos de Cristo. Além disso, para La Salle, esse “espírito cristão” não só permite que vejamos o mundo com outros olhos, mas que façamos as coisas por motivos distintos, motivos que estejam relacionados a um engrandecimento de nossa fé, bem como de nossa formação ética e moral.

Esse processo de fé e de espiritualidade, no entanto, não é uma imposição; ele acontece livremente. A espiritualidade de cada um é um compromisso com a verdade, ou seja, cada um tem o que podemos chamar de “liberdade interior”, que é o processo de tomarmos nossas decisões baseadas nos valores que nos foram ensinados através do Evangelho. Todo o nosso amor, nossos atos de bondade, nossa vontade de uma convivência em respeito e em paz irão refletir na nossa espiritualidade e esta irá refletir nos nossos atos. Portanto, não há diferença entre nossos atos, nossa missão e nossa espiritualidade dentro da visão Lassalista. Justamente por isso, essas áreas aparecem entrelaçadas dentro da Tradição, para que compreendamos que são interdependentes e formadoras do nosso ser.

## 8 HUMANISMO E DIVERSIDADE

Se Carisma é esse dom interior que nos faz cuidar do próximo; se espiritualidade é a força formadora do nosso ser, temos, dessa forma, a construção de um ambiente propício ao bom conviver, um ambiente que abraça as dessemelhanças, que conforta as pessoas e as faz sentirem-se parte dessa engrenagem toda que é a Comunidade Lassalista. Ao começar a pensar sobre diversidade, antes mesmo de me aprofundar nos textos Lassalistas, decidi buscar por alguns conceitos para que pavimentassem o caminho pelo qual eu havia optado: unidade e diversidade estavam uma para a outra como dois lados da mesma moeda. Era assim que eu percebia a relação entre ambas dentro das Comunidades e o objetivo era transpor essa diversidade na unidade e essa unidade na diversidade para o mural, de forma que todos pudessem sentir-se pertencentes à Comunidade Lassalista.

Nessa busca, encontrei Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês considerado um dos principais pensadores contemporâneos. Morin fala que “o outro significa ao mesmo tempo o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas.” (MORIN, 2012, p.77). Ou seja, é no outro que eu percebo tanto a estranheza quanto a similitude e é justamente nesse ponto de entrelaçamento que seremos capazes de compreender que os outros moram em nós e nós moramos nos outros, para que assim possamos reestabelecer laços para uma sociedade mais justa e solidária.

Além disso, ao longo do livro o Método 5, Morin reúne suas reflexões acerca da humanidade como um todo. Para ele, nossa genética descende de um ponto que é o mesmo para todos, ou seja, temos o mesmo patrimônio hereditário ao nos considerarmos enquanto espécie. Esse patrimônio

[...] é comum a todos os seres humanos e garante todos os caracteres de unidade (anatômicos, morfológicos, cerebrais); permite a fecundação entre todos os seres humanos, europeus, inuits, pigmeus. Cada indivíduo vive e experimenta-se como sujeito singular; essa subjetividade singular, que diferencia cada um, é comum a todos. (MORIN, 2012, p.59).

Por esse viés, é justamente a nossa diversidade que nos une. O fato de sermos seres singulares nos torna pertencentes à raça humana e é justamente essa singularidade que nos une enquanto espécie. O sociólogo nos faz perceber que, no mesmo



ponto onde há diferença, pode haver semelhança; basta mantermos um olhar holístico para a situação.

O paradoxo da unidade múltipla está em que o que une separa, a começar pela linguagem; somos gêmeos pela linguagem e separados pela língua. Somos semelhantes pela cultura e diferentes pelas culturas. Aquilo que permitiria a compreensão provoca a incompreensão entre culturas, quando se vê apenas a diferença e não o fundo antropológico comum. Da mesma forma, entre os indivíduos, somos incapazes de nos compreender enquanto só vemos a alteridade e não a identidade. (MORIN, 2012, p.65)

Dessa forma, podemos dizer que possuímos competências, aptidões, hábitos que, em sua essência, colocam-nos num patamar de unidade, no entanto são esses mesmos aspectos também que nos tornam tão diversos. Para fortalecer sua teoria, Morin ainda nos diz que "todos os grandes sociólogos acreditam na possibilidade de uma sociologia fundamental válida para todos os tipos e formas de sociedade"(MORIN, 2012, p. 62), mesmo que elas sejam tão diversas. Compreendemos, através dos estudos de Morin, que a nossa extrema diversidade não deve mascarar a nossa unidade, nem o contrário - "a diferença oculta a unidade, mas a unidade oculta as diferenças." (MORIN, 2012, p.65). Portanto, a hipótese é que, para que possamos nos compreender enquanto raça humana, para que possamos conviver com respeito e harmonia, devemos primeiro resgatar esse ideal de unidade presente na humanidade.

Essas ideias de Morin, aqui destacadas, de que nossa singularidade é o elemento capaz de nos unir e de que somos todos herdeiros genéticos de uma mesma espécie aparecem de forma muito semelhante na literatura Lassalista. No entanto, os Lassalistas se apoiam no Evangelho para estabelecer essa união. Eles dizem que somos uma unidade porque somos todos filhos de Deus, ou seja, o que Morin trata como unidade através da genética aparece na literatura Lassalista através da crença de que viemos todos do mesmo Pai, este que é o nosso Pai Celestial. Quanto à ideia de que é nossa singularidade o aspecto capaz de nos unir, percebemos nos escritos sobre as Comunidades Lassalistas que é a diferença de cada um, ou seja, suas singularidades, o que torna as Comunidades um mecanismo complexo completo. Unindo aquilo que eu tenho àquilo que o outro tem e vice e versa, as comunidades são capazes de virar uma unidade, com base nas diferenças, porém nunca ressaltando-as, mas sim sobrepondo-as como engrenagens que somente são capazes de fazer seu movimento completo quando estão alinhadas e harmonizadas. Nesse ponto, percebemos outro conceito de Morin dentro das comunidades Lassa-

listas, o de que o outro mora em nós e nós moramos no outro. Acolher o próximo como parte de mim e compreender que parte de mim também reside nele é, acima de tudo, entender o propósito humano de amar o próximo e viver com ele em comunhão. Esse amor e partilha, essa vida em comunidade é o que estrutura a Tradição Lassalista, assim é preciso que, de alguma forma, essa ideia possa ser transposta para o mural.

Esse conceito de uno-diverso, presente em Morin, foi o conceito científico de diversidade que me pareceu mais próximo daquele vivido nas Comunidades Lassalistas. Minha busca por ele se deu devido ao fato de que, na literatura Lassalista, a unidade na diversidade aparece sempre atrelada aos ensinamentos do Evangelho e, para um texto acadêmico, eu precisaria ir além do Evangelho, precisaria uni-lo ao Científico para descrever essa noção de diversidade presente nas comunidades de forma que pudesse ser aceita na academia, embora, na prática, o Evangelho e os ensinamentos de João Batista de La Salle sejam o suficiente para mobilizar muitas pessoas entre leigos e Irmãos nesse viver compartilhado respeitando as diferenças existentes e se fortalecendo nelas. A verdade é que, nas comunidades, cada um faz da sua vocação sua missão dentro da Rede. Assim, temos núcleos que se completam, complementam-se e juntos formam o todo que é esta grande Rede presente no mundo inteiro. Do Micro, que é a nossa comunidade, pensa-se sempre no Macro, que é a Rede La Salle, de modo que todas as ações são em prol desse todo, ou seja, dessa Unidade Lassalista que nos aproxima e nos acolhe em nossas diferenças.

A Tradição Lassalista, dessa forma, busca aproximar os indivíduos através de sua proposta educativa, lembrando-lhes que devem viver em unidade, com base nos preceitos do Evangelho ensinados por Deus. Portanto, ao longo dos tempos, através dos documentos e práticas educativas, percebe-se que a busca Lassalista é sempre para que sejamos seres humanos mais solidários, respeitosos, cientes de que a convivência na diversidade é motivo de crescimento, e não de desavenças. Os Lassalistas buscam por um mundo mais humano, mais unido em suas diversidades, mais respeitoso com o diferente, mais ciente de que as forças e fraquezas de alguém são complementares às forças e fraquezas do outro e que é justamente aí que está o belo da vida, nessa partilha entre sujeitos, nesse eu-nós que somos capazes de criar ao compreendermos os valores deixados por João Batista de La Salle.

A missão da escola, por conseguinte, está no desenvolvimento humano, cultural e intelectual; está em expor um vasto universo de valores para os alunos, sem impor-lhes nada, mas sempre dialogando e propondo maneiras de abrir a mente desses alunos às realidades do mundo e da vida. O que se busca é despertar nos alunos um senso de sentido por suas vidas, autonomia mediante a reflexão pessoal, desenvolvimento de um pensar crítico. O que os Lassalistas buscam é uma educação através do respeito e da verdade. Uma educação que liberte os alunos de preconceitos, de ideias preconcebidas e de pressões sociais, pois eles devem amar e respeitar ao próximo, conforme os ensinamentos de Cristo.

O objetivo da educação Lassalista, portanto, é o de formar o aluno na sua totalidade. Independente de qualquer concepção, é importante pensarmos na pessoa humana enquanto sujeito e objeto da educação, constituída de forma una, na qual cada uma de suas dimensões - cognitiva, social, cultural, espiritual - só se torna completa pelas outras. Isso quer dizer que, caso o sujeito não se desenvolva harmoniosamente dentro de todas as suas dimensões, ele não estará completo, não estará desenvolvido na sua totalidade. Percebemos esse pensamento ao longo de vários documentos Lassalistas, como neste trecho da Proposta Educativa Lassalista:

Possuímos uma visão humanista e cristã de ser humano: um ser integral de múltiplos níveis (físico, psíquico e racional-espiritual), dimensões (afeto, inteligência e vontade) e relações (consigo, com o outro, com a natureza e com Deus); um ser histórico, político, simbólico e aberto ao transcendente; um ser vocacionado a ser mais e em constante busca por realização; um ser capaz de aprender, que se constrói e reconstrói permanentemente. (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2014, p.16).

É inclusive nesse mesmo documento que encontramos o princípio de “unidade na diversidade”, que nos aproxima tanto das ideias de Morin. Esse ideal de unidade na diversidade está no item 1.8 da circular e, no dia a dia, consolida-se à medida que entendemos que os Lassalistas trabalham em unidade enquanto comunidade (pensando no pequeno grupo), mas também enquanto rede (considerando um grupo muito maior de lassalistas). Eles compreendem que fazem parte de um todo e devem seguir os valores que lhes foram passados por João Batista de La Salle. No entanto, eles também compreendem que, mesmo na unidade, há diversidade, pois existem diferentes sujeitos dentro de cada comunidade e diferentes escolas Lassalistas espalhadas pelo mundo inteiro, cada um e cada uma com suas singularidades. Assim, como vimos em Morin, a nossa singularidade é justamente o que nos une e nos torna capazes de nos mobilizarmos em unidade. Essa unidade nas Comunida-

des Lassalistas trata-se de uma unidade cultural, e a Cultura Lassalista é o que une as pessoas que ali estão. No entanto, essa unidade cultural respeita as diversas culturas individuais pré-existentes em cada um.

Dessa forma, os Lassalistas aprendem a respeitar o diverso, acolher o diferente e viver em comunidades, nas quais as peculiaridades de cada um são vistas como algo que vai tornar a rede mais forte e sólida.

Os centros lassalistas devem ser espaçosos onde a acolhida, a paz e o respeito são vivenciados em comunidades educativas caracterizadas pela aceitação de quaisquer seres humanos; espaços onde a diversidade cultural não seja causa de conflitos, de exclusão ou de tensões destrutivas, mas locais onde ser diferente seja visto como um elemento enriquecedor da vida comunitária. Deste modo, esses centros encarnam o que significa "juntos por associação". (IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS, 2010, p.23)

Percebemos, portanto, que os Lassalistas têm todo um cuidado dentro de suas comunidades para que a diversidade seja vista como algo sempre positivo, desde que vivida dentro dos valores deixados por João Batista de La Salle. Mais adiante, na mesma circular, faz-se menção ainda a que "a discriminação baseada no gênero, na cultura, na religião, na orientação sexual ou na afiliação política" não será admitida na Missão Educativa Lassalista (IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS, 2010, p.28). Para que não haja tais discriminações, professores e Irmãos devem saber portar-se no tempo em que se encontram, para que possam lidar com os jovens e seus anseios da melhor maneira possível. No entanto, devemos ter clareza de que saber portar-se não significa adotar todas as possibilidades que a contemporaneidade nos oferece, mas sim saber conviver com elas harmoniosamente para que possamos educar de acordo com as realidades atuais, relacionando os valores Lassalistas à realidade sócio-cultural dos alunos. Para isso, é preciso que haja constante mudança e evolução na forma como os Lassalistas se veem e se situam.

A educação Lassalista, portanto, busca favorecer o desenvolvimento da identidade pessoal, da identidade do "eu" de cada aluno. Essa identidade se constitui na relação com os outros dentro de uma comunidade social, mas, para os Lassalistas, ela só está concretizada quando, na nossa identidade, percebemos sentido para nossa existência e, de acordo com o Evangelho, a nossa existência deve ter o propósito de servir ao próximo com amor, solidariedade e respeito. Assim, a educação Lassalista entende que, para uma formação integradora, deve-se auxiliar "no processo de integração da pessoa humana consigo mesma, com os outros e com o mundo, de modo que sua existência adquira um sentido progressivo." (FOS-

SATTI e CASAGRANDE, 2011, p.75). Ou seja, dentro das comunidades, é preciso que cada um encontre em si, em comunhão com o outro, sentido para sua vida e seu agir diário.

Além disso, deverá ser capaz de olhar para a própria existência, dotá-la de sentido e decidir-se pró-ativamente acerca de que tipo de ser humano quer ser no futuro, uma tríplice relação: consigo mesmo, com o outro e com o mundo. (FOSSATTI e CASAGRANDE, 2011, p. 78)

Assim, podemos dizer que o ser humano está em permanente busca – por si, pelo seu conhecimento e pela transcendência. No entanto, para conhecer o humano é preciso "antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele." (MORIN, 2012, p. 47). Por essa razão, é preciso situá-lo no seio da sociedade como alguém que, em sintonia com o outro, vai interagindo e estabelecendo relações, visto que dentro das Comunidades Lassalistas se acredita que a produção de sentido está fortemente relacionada com a capacidade de estabelecer vínculos, ou seja, somos seres de convivência. Diante dessas afirmativas, compreendemos que a contribuição de cada pessoa que vive no planeta se faz necessária para um mundo mais digno e humanista. A Proposta educativa Lassalista retrata o ser humano como criatura de Deus e, ao mesmo tempo, como pessoa humana individual. Para compreendermos esse conceito de pessoa humana, recorreremos a Cledes Antonio Casagrande, que nos diz que

El concepto de persona humana denota un 'status' diferente y sistemático de lo humano. Eso implica afirmar que cada ser humano, independientemente de sus creencias y de su cultura, posee un 'status' y una naturaleza propia que trasciende las condiciones objetivas que se circunscriben a las culturas, razas, credos y valores (CASAGRANDE, 2013, p. 259).

A pedagogia Lassalista, portanto, centrada na pessoa humana, compreende o humano em suas múltiplas dimensões: física, psíquica, espiritual - dotado de "afeto, inteligência, vontade, capacidade para aprender, amar, interagir, transcender a si mesmo e criar sentido acerca dos próprios atos e da própria existência." (CASAGRANDE, FANFA SARMENTO e BIELUCZYK, 2015, p. 55). Além disso, cabe lembrar que a pessoa humana, nesse contexto, estrutura-se mediante processos de socialização e de interação com o outro, mas também desenvolvendo sua autonomia individual. Compreendemos esse humano, então, como um ser ciente de sua responsabilidade social. um ser que compreende a nossa unidade enquanto raça e, portanto, é capaz de ter atitudes mais inclusivas e mobiliza a formação de uma sociedade mais justa e respeitosa.

Sendo assim, é preciso que quem entre no Campus da Universidade La Salle Canoas perceba todos esses conceitos ao olhar o mural e possa encontrar-se nele. É preciso representar a diversidade de forma que ela possa convergir para a união do todo; é preciso deixar claro que o ser humano é compreendido nas suas múltiplas dimensões e, nas comunidades, esse sujeito pode buscar caminhos para encontrar-se, completo e ciente do sentido de sua própria existência em comunhão com o próximo. Isso é o que representa a unidade na diversidade dentro das comunidades.

## 9 PENSANDO A OBRA

Assim, após a leitura das obras selecionadas para que eu tivesse uma visão mais aprofundada a respeito da Tradição, pus-me a observar a iconografia Lassalista. Debrucei-me sobre o acervo iconográfico da Rede La Salle para compreender como as imagens ali presentes estavam se modernizando ao longo dos anos. Além disso, queria analisar se seria possível trazer para o mural alguma característica imagética bem tradicional para mesclar-se com o novo, sempre reforçando este encontro do velho com o novo, do passado com o presente. O objetivo era que o sujeito observador do mural pudesse perceber essa viagem no tempo, mas, acima de tudo, pudesse compreender que é possível manter tradições e acompanhar mudanças temporais, culturais e sociais ao mesmo tempo.

Durante minha pesquisa iconográfica tive a oportunidade de ter ao meu lado Irmão Henrique Justo, Irmão Blásio Donato Hillebrand e Irmão João Renato Koch, que tiveram um papel crucial nesta etapa, tanto pelo suporte material que me deram, quanto pelas discussões enriquecedoras que tivemos. Ao longo dessa etapa, acabei me certificando de algo que já desconfiava: não fui capaz de encontrar imagens que, no meu ponto de vista, expusessem a Tradição Lassalista de forma que o sujeito dos dias de hoje fosse capaz de se conectar. Encontrei apenas imagens de momentos vividos pelo fundador e pelos Irmãos, que posteriormente foram atualizadas, refeitas com uma aparência mais moderna, mas não retratavam a essência da Tradição de maneira que o sujeito contemporâneo pudesse se identificar e se sentir pertencente.

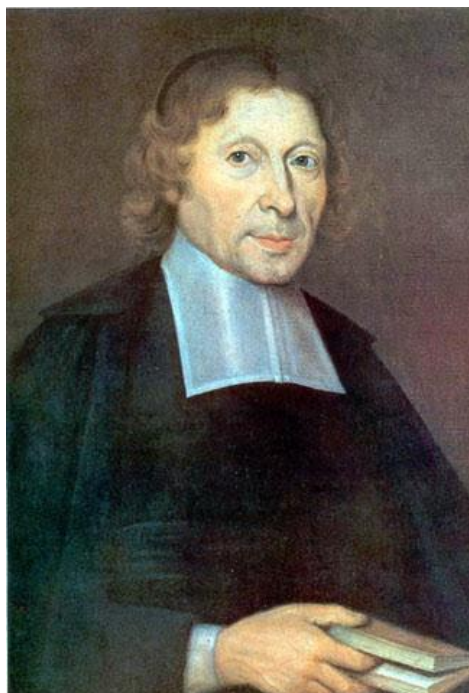
Podemos perceber melhor aquilo que digo nas sequências de imagens a seguir:

## Sequência de imagens 1: João Batista de La Salle



JEAN-BAPTISTE DE LA SALLE

Fonte da imagem 1: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)



Fonte da imagem 2: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)



Fonte da imagem 3: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)



Fonte da imagem 4: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)



Nessa primeira sequência, é possível dizer que as imagens buscam retratar o rosto de La Salle. Ainda podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que cada uma delas pertence a um momento histórico e cultural diferente, considerando seus traços, cores ou ausência delas. É possível dizer que houve modernização? Acredito que sim, mas uma modernização da imagem e não da Tradição. Hoje em dia, quem observa essas imagens não percebe a Tradição, não se sente parte dela, apenas observa o fundador.

### Sequência de imagens 2: Morte de La Salle

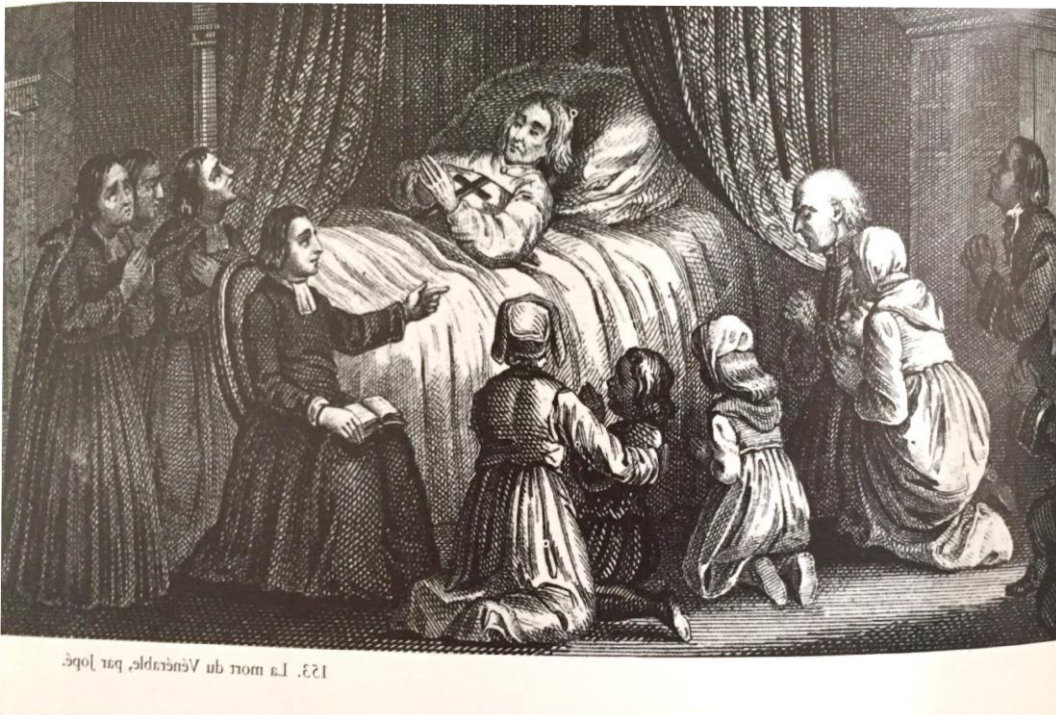


152. La mort du Vénérable, par Bertin.

Fonte da imagem 1: Iconographie de Saint Jean-Baptiste de La Salle. Cahiers Lasalliens n° 49



Fonte da imagem 2: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)



Fonte da imagem 3: Iconographie de Saint Jean-Baptiste de La Salle. Cahiers Lasalliens nº 49



Fonte da imagem 4: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)

Dessa vez, percebemos uma série de imagens que retratam um episódio da vida de La Salle, no entanto, novamente, são imagens do mesmo episódio que se renovaram em função da época e do público que se pretendia atingir. Porém, ainda não é possível perceber a Tradição Lassalista. O sujeito que observa essas imagens fica a par de um momento na vida do fundador, mas, provavelmente, não se envolve com a imagem, não se sente tocado por ela, não se enxerga como parte da Tradição Lassalista.

### Sequência de imagens 3: La Salle entre Irmãos e a comunidade



Fonte da imagem 1: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)



LA VISITE DE JACQUES II

Fonte da imagem 2: [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org)

Por fim, nessa última sequência, percebemos La Salle entre outros irmãos, alunos e outros membros da sociedade da época. Percebemos a diferença entre as épocas de produção da imagem principalmente em função da presença e ausência de cores, como no caso de outras imagens já vistas. Talvez seja possível inferir que o autor da imagem em cores já reflete um Instituto muito maior, ou seja, é possível que entre essas duas imagens a Tradição e a Cultura Lassalista já houvessem ganhado corpo na Europa. No entanto, ainda estamos olhando para uma Europa do século XVII ou XVIII. Além disso, ao observar a imagem, um sujeito atual talvez perceba a relevância das escolas Lassalistas, talvez perceba o quão sólido o Instituto é, em função do tempo em que existe, mas acredito que ainda não consiga experienciar a Tradição.

Minha experiência com a iconografia, de um modo geral, causou-me esta sensação: existem imagens de La Salle, do Instituto, dos Irmãos, no entanto nenhu-

ma das imagens me parecia capaz de expressar a grandiosidade da Tradição em si para um sujeito que vive nos dias de hoje, nesta que chamamos sociedade pós-moderna. Não é, aparentemente, possível que qualquer pessoa do século XXI que olhe para as imagens existentes consiga dizer que tal imagem retrata o respeito, a fraternidade, o amor, o carisma, a espiritualidade, o humanismo que devem se fazer presentes nas Comunidades e que fazem parte dos ideais Lassalistas desde as origens. Isso quer dizer que, para quem viveu a Tradição em outras épocas, ou para quem reconhece a Tradição em função de um histórico familiar de Lassalistas, esses aspectos podem e devem estar bastante nítidos naquela que chamo de Memória Lassalista dessas pessoas. No entanto, para o jovem que ingressa na Rede hoje, sem um conhecimento prévio sobre o que é Ser La Salle, essas memórias são inexistentes, possivelmente, fazendo com que esse jovem não estabeleça um vínculo mais forte com a Instituição.

Hannah Arendt, em seu livro *Between Past and Future* (2006), diz que nós, humanos, estamos vivendo em um tempo entre o passado e um futuro incerto, em que somos constantemente forçados a (re)pensar nossa existência. Segundo a autora, nós, seres humanos, recorreremos às tradições por muito tempo, porém, hoje em dia, há uma tendência ao abandono dessas mesmas tradições. Por abandono da tradição, a autora não quer dizer que perdemos esse conceito, mas quer dizer que não simplesmente a seguimos cegamente, nós a questionamos, quebramos padrões e rompemos amarras quando julgamos necessário, de acordo com as novas perplexidades e problemas do momento histórico vivido na contemporaneidade (ARENDR, 2006). Isso quer dizer que, provavelmente, as imagens que compõem a Iconografia Lassalista já trouxeram à tona aspectos da Tradição que satisfaziam determinado público e época, no entanto, para o sujeito pós-moderno, é preciso que a Tradição se entrelace com o momento sócio-histórico vivido por ele, caso contrário ela não fará sentido.

Ainda segundo Arendt, talvez estejamos vivendo em um momento histórico em que, pela primeira vez, tenhamos um entendimento tão abrangente do que sejam de fato as tradições. A autora cogita que, antes do romantismo, simplesmente aceitávamos os costumes e imposições sociais, culturais e familiares sem questioná-los. No entanto, após esse período, passou-se a pensar e questionar o porquê de certos costumes e tradições. Após o romantismo, nós, seres humanos, compreendemos

que valores são bens que só ganham significado dentro de seu próprio tempo e espaço, ou seja, cada época é composta de uma sociedade que tem seus próprios valores e eles nem sempre são passados através das gerações (ARENDR, 2006). No caso da Tradição Lassalista, porém, temos valores extremamente atuais que dialogam com os anseios da sociedade; a questão é que grande parte dos jovens que ingressam na Rede hoje o fazem em função de outras motivações – a qualidade de ensino, o fácil acesso, a indicação de alguém –, mas não por sentir-se tocado pela Tradição. É importante esclarecer que o motivo de ingresso não é um problema, no entanto, para fidelizar esse jovem à instituição, para transformá-lo em um membro da comunidade que viva e compartilhe da Missão Lassalista, para formar um cidadão que não se exima de suas responsabilidades sociais, todos os outros atrativos oferecidos pela Rede não são o suficiente. É preciso que esse jovem viva a Tradição Lassalista, sinta-se parte dela e tenha orgulho dos valores que ela carrega.

Porém, isso se torna cada vez mais complexo, visto que, segundo Bauman (2012 e 2013), a sociedade pós-moderna acaba trocando a valorização de suas tradições e costumes pela valorização de objetos de consumo efêmeros e descartáveis - é o que o autor configura como a liquidez da nossa sociedade atual. No entanto, essa alienação do passado não é considerada de todo ruim, já que esses esquecimentos coletivos fazem parte do processo de constituição social, uma vez que memória é compreendida a partir de um processo seletivo que envolve tanto o lembrar quanto o esquecer. O fato é que, a partir daí, podemos dizer que algumas estruturas do passado são esquecidas, enquanto outras sobrevivem. O que pretendemos, através do mural, é fazer com que os conceitos de diversidade e unidade sejam expostos de forma que retratem o Carisma Lassalista e, assim, tenhamos uma obra que possa unir, engajar, motivar a comunidade, inspirar um sentimento de pertença dentro de cada um. Conseqüentemente, teremos uma comunidade afetiva forjada na aproximação por um ideal, de modo que Ser La Sale possa ser uma escolha feita por mais e mais sujeitos que vivam o Carisma enquanto estrutura sobrevivente e formadora de uma Identidade Lassalista.

Assim, podemos ver a Tradição Lassalista como a legitimação de um ideal passado-presente. Segundo Corá (2014, p. 80), podemos ver as tradições como “[...] uma representação pública do passado, uma recriação da história.”. Podemos

dizer que tradição é uma construção social, representação do passado materializada na cultura atual. Dessa forma, o mural passaria a ser a materialização da Tradição Lassalista através de uma manifestação artística inerente ao século XXI: um grafite. Essa atualização, respeitando os elementos originais da Tradição e, ao mesmo tempo, atualizando-a, vai ao encontro do que diziam os Irmãos sobre a necessidade constante de atualizações através dos tempos:

Fidelidade ao momento histórico atual e fidelidade ao Fundador, longe de se oporem ou de se excluírem, condicionam-se mutuamente, contanto que não se exija de São João Batista de La Salle um conhecimento antecipado de toda a nossa problemática e uma resposta a todos os nossos questionamentos. (IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS, 1988, p. 11 e 12)

Ou seja, já nos anos 80, os Irmãos falavam dessa necessidade de unir passado e presente de forma a tornar compreensível hoje aquilo que era outrora. Para que essa compreensão torne-se possível, é preciso que conheçamos a fundo aquilo que desejamos passar adiante, para que possamos adaptar a forma de dizê-lo. No caso da Tradição Lassalista, foi isso que decidi fazer: mergulhei em todos os livros que pude encontrar na biblioteca da Universidade La Salle. Posteriormente, após minha qualificação, ainda me aprofundi em mais alguns livros sugeridos pelo Irmão Cle-des Antonio Casagrande, dentre esses As Meditações de La Salle. Pude absorver os valores representados pela Tradição Lassalista, para que, em seguida, pudesse traduzi-los para uma linguagem que não fosse simplesmente atualizada, mas que fosse emocionante e reflexiva perante a sociedade atual.

Essa minha vontade de mesclar a Tradição com a Contemporaneidade e de fazê-la da maneira mais significativa possível é que me fez, em todos os momentos ao longo dessa pesquisa, pensar nos grafites. Desde o início, os grafites estavam presentes nesta proposta de produto, no entanto eu estava aberta e disposta a mudanças, caso, ao longo da pesquisa, elas surgissem. Todavia, quanto mais me aprofundava nas leituras, mais me certificava de que os grafites seriam a melhor forma artística para essa atualização. Primeiro, pela origem etimológica da palavra estar relacionada ao ato de riscar, deixar escritos, ou seja, deixar vestígios memoriais, marcas que permeiam a história das civilizações desde as mais antigas pinturas rupestres até o que temos hoje por grafite contemporâneo. Isso quer dizer que a própria trajetória dos grafites já estabelece esse vínculo entre passado e presente, visto

que é uma arte que anda lado a lado com a história da humanidade, reformulando-se conforme as épocas.

Além disso, ao considerarmos a pintura mural isoladamente, vamos perceber que essa não é um advento da modernidade, visto que os túmulos dos faraós egípcios já representavam um momento histórico desse estilo. A modernidade incorporou esse tipo de pintura quando, no início do século XX, pintores mexicanos, marcados pela Revolução de 1910, apropriaram-se dessa técnica muralista para promover um trabalho pictórico com grandes dimensões políticas e sociais. O muralismo sai da história e volta à tona como um instrumento contra a opressão. Esse novo viés para o muralismo, aparentemente, começa em 1905, quando o pintor Bernardo Carnada, conhecido por Dr. Ail, publicou um manifesto defendendo que a arte precisava se tornar pública e, então, quinze anos depois, Siqueiros faz um novo apelo aos artistas, expressando a necessidade de se "lançarem todos à tarefa de promover uma arte capaz de falar às multidões." (GITAHY, 1999, p. 15). Essa característica própria dos grafites de "falar às multidões" faz com que a arte saia de um pedestal elitista, que infelizmente ainda se faz presente para algumas pessoas. Os murais grafitados, dessa maneira, tornam-se uma arte para todos, o que vai ao encontro da necessidade de tornar a Tradição Lassalista compreensível para todos. Eu não queria um quadro que pudesse causar estranheza ao público, mas sim algo que se integrasse com o meio, que se misturasse de forma a compor a arquitetura do Campus. O próprio mural seria a unidade na diversidade, pois, ao mesmo tempo em que ele seria o diferente e o novo, também seria parte do velho ao misturar-se com as paredes dos prédios, com a composição do Campus, com a rotina da Comunidade. Nesse caso, o mural funcionará como expressão de uma realidade de forma compreensível e voltada diretamente ao público local. Assim, o grafite sempre carregará valores e sempre terá um caráter espontâneo (GITAHY, 1999), o que pode aproximá-lo ainda mais dos jovens e, assim, aproximar os jovens da Tradição, que é o principal objetivo da produção do mural.

Por fim, considerando os movimentos estudantis que marcaram a virada dos anos 60 e considerando que eles se utilizavam dos grafites e pichações como forma de protesto e engajamento, é impossível não enxergar os grafites como o objeto que possibilitou esse agrupamento. Isso me remete ao conceito de tribos efetauais de



Maffesoli (2014). Segundo o autor, na Pós-Modernidade, surge a formação dessas tribos afetuais, que seriam grupos que interagem e criam formas singulares para estarem unidos. Esses grupos passam a existir devido à lógica social pós-moderna que liga uma pessoa a diversos papéis sociais. Assim, essa pessoa junta-se a pequenos grupos afetivos para fugir da lógica individualista que houve em outras épocas. Esses grupos, por sua vez, estabelecem uma relação e juntos constroem histórias que podem se aproximar de mitos coletivos. Conseqüentemente, os grafites passam a ter mais uma característica que vem ao encontro de toda esta pesquisa: unir um grupo de pessoas através da materialização de seus ideais. Considerando, portanto, o grafite como objeto que perpassa a história da humanidade e que é por si só esse misto de passado e presente; que ele é capaz de falar para multidões, para as massas, tirando um ar elitista das artes; que ele é capaz de agrupar pessoas em pequenas comunidades afetivas, acredito que ele seja o meio artístico com melhor possibilidade de causar um "Efeito Aurático" nas pessoas.

"Efeito Aurático" seria o efeito causado pelo fenômeno da "aura", conceito presente em Benjamin (1985). Segundo Benjamin, a "aura" é uma figura simbólica que se projeta no espaço-tempo. Essa forma simbólica corresponde ao valor da obra de arte. A reprodução mecânica da arte pode acarretar a destruição da aura, ou seja, a retirada desse objeto de seu invólucro e a transformação dele em mercadoria. A arte, como mercadoria, para Benjamin, não tinha o mesmo valor, unicidade, singularidade e autenticidade da obra que possui Aura. Assim, a aura é, na verdade, a relação entre sujeito e obra, um encontro involuntário entre passado e presente, no qual a imagem em si seria o fio condutor como passado, e a relação imagem-sujeito seria a ressignificação desse passado para o presente. A experiência aurática, posta em palavras com muita dificuldade, seria uma espécie de implosão entre sujeito-obra em que, por alguns momentos, estariam no aqui, no agora e no lá, naquele momento. Esse momento único, essa unidade da experiência é que seria o efeito aurático, que acredito poder ser vivido através de um mural capaz de tornar visíveis tantos valores, ideais, sentimentos e sensações ao observador.

## 10 APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE GRAFITES CONTEMPORÂNEOS

Para provocar todas as sensações desejadas e para que uma obra que instigasse a reflexão, precisávamos encontrar o estilo ideal de grafite. Dessa forma, o primeiro passo foi definir o estilo da obra. Visto que queríamos unir passado e presente, queríamos ter o velho e o novo postos lado a lado, esse conceito deveria estar presente na forma de pintar também. A mistura de técnicas, ou seja, um toque de arte urbana mesclado com um ar de galeria; os traços delicados de um quadro sobrepostos aos jatos em spray de um grafite era o que buscávamos. Assim, a beleza do mural seria justamente o encanto de um traço que remete às técnicas de pintura tradicionais posto ao lado do choque causado pelo grafite. Após ter esta percepção a respeito de como deveria ser a obra, me pus a pesquisar sobre artistas que trabalhassem com esses padrões na contemporaneidade. Foi quando me deparei com as obras de Basquiat e Banksy, grandes representantes da arte urbana internacional. Me debrucei sobre as obras de ambos e busquei trazer alguns aspectos delas, mesmo que de maneira mais branda para o mural da Tradição Lassalista.

Basquiat foi um personagem muito importante para o movimento HipHop, movimento que tem no grafite uma de suas bases artísticas. Basquiat viveu entre os anos 1960 e 1988 e é considerado o precursor do estilo de grafite contemporâneo e da arte urbana. Ele expressava as mazelas sociais e políticas nos muros (aspecto inerente da cultura HipHop a qual participava) e abriu caminho para que os grafiteiros posteriores se percebessem e fossem percebidos como artistas, criadores de novos conceitos de expressão social. A arte de Basquiat gerava grande desconforto causado pela abstração obscura de seus desenhos unidos a suas frases de contestação - tudo isso na verdade era um reflexo de sua vida conflituosa marcada por injustiça social. Basquiat promoveu a expressão de rua em Nova York, cidade mãe de todo o movimento HipHop, de forma tão intensa que depois dele o grafite ganhou legitimidade no circuito oficial da arte. Hoje as obras de Basquiat estão entre as mais caras no mundo.

Nosso objetivo com o mural, que estávamos prestes a criar, não era de causar desconforto, ou ainda refletir sobre injustiças sociais. No entanto, era sim de promover uma obra forte o suficiente para mexer com as pessoas que circulam pelo Campus da Universidade La Salle Canoas. Além disso, queríamos fazer com que as

peças refletissem sobre o que de fato é a Tradição Lassalista. Por esse viés as obras de Basquiat podiam, de alguma forma, nos dar esse conceito de força e choque, tão presentes nos grafites. Além do mais, ele foi o artista que abriu as portas para que outros, como ele, pudessem fazer sua arte posteriormente. Por isso, analisarmos um pouco de suas obras e nos apropriarmos um pouco de seu estilo foi fator imprescindível ao longo desta pesquisa. Vejamos as imagens a seguir e analisemo-nas por um instante:

#### Sequência de imagens 4: grafites de Basquiat



Fonte da imagem1 : [www.wikiart.org](http://www.wikiart.org)



Fonte da imagem 2: [www.wikiart.org](http://www.wikiart.org)

Basquiat misturava desenhos e palavras nos seus grafites, como podemos ver nessas duas obras, algo que pretendemos reproduzir em nosso mural, visto que eu originalmente venho do campo das letras e acredito que a imagem é sim capaz de falar mais do que as palavras, como já dizia o dito popular. No entanto, a palavra é igualmente capaz de nos fazer enxergar milhares de imagens. Dessa forma, acredito que ambas são complementares e uma só torna-se completa pela outra. Caso observássemos esse único aspecto da obra de Basquiat, já teríamos um elemento importantíssimo de sua obra trazido para a nossa, no entanto, considerando a importância dele para a arte urbana mundial iremos seguir nesta análise.

Indo além da imagem e mergulhando no conteúdo dos grafites de Basquiat, devemos lembrar que ele expressava as mazelas da sociedade e tentava combater atitudes racistas e preconceituosas. Vamos analisar somente uma das imagens, visto que nosso objetivo aqui é o de apresentar Basquiat e olhar um pouco para suas obras, mas sem nos atermos demais a elas. Observemos a imagem à direita: a combinação dos desenhos e palavras nos permitem construir um padrão da realidade, no qual essa luta do artista fica bastante clara. Começemos pelos desenhos: temos nessa imagem 3 homens, o primeiro e o segundo, desenhados sem muitos detalhes aparentes e com o perfil do rosto à mostra, sendo que o primeiro ainda está com o topo da cabeça aumentado e com uma espécie de cetro na mão; o terceiro, por sua vez, é desenhado de frente e tem seus traços bem marcados: nariz alargado, boca bastante grande e bem pintada de vermelho, olhos grandes e bem pintados de branco e amarelo. Além dos três homens, temos desenhados uma coroa e ainda uma embalagem de algum produto líquido, que ao observarmos a parte escrita, perceberemos que se trata de um sabão ou sabonete. A função principal das imagens aqui é estabelecer uma representação conceitual, ou seja, é expressar uma ideia, uma simbologia que veremos logo mais abaixo.

Ao seguirmos através das palavras, percebemos que, ao redor do primeiro homem, temos os pontos norte, sul, leste e oeste ao redor de sua cabeça, sendo que no "S", supostamente de sul, surge a palavra *slogan* bem em cima de uma possível faixa que diz "sabonete 1950: o melhor desenvolvimento na história dos sabonetes". Há uma flecha que aponta desta faixa para as palavras *whitewashing action* que remeteria à "ação branqueadora", por sua vez, as palavras *whitewashing action* estão ligadas à palavra *everlast* que estaria remetendo a uma ação duradoura, permanente. Ainda ao redor deste primeiro homem temos o cetro, na mão dele, ao lado de uma coroa com as palavras *no suh*, que seria um possível modo de dizer *no sir*, ou seja, "não senhor". O segundo homem fica no meio, entre o primeiro com o cetro e o terceiro, de traços bem demarcados. Esse segundo homem tem a palavra *fool* "tolo" escrita perto de si e está afastado das demais palavras. Quanto ao terceiro homem, as palavras *them shovels* que remeteria à "as pás deles". Exatamente no meio dos três homens há a palavra *Kingfish* riscada. *Kingfish* não é de fato uma palavra existente na língua inglesa, mas pode fazer alusão a um senador e governador de Luisiana, em função de seu sobrenome, ou ainda fazer alusão a uma perso-

nagem de um livro de Joseph Boskin, que retrata os problemas sociais americanos de sua época.

Tendo esse panorama de todos os elementos que compõem esse grafite de Basquiat, podemos, no mínimo, dizer que o terceiro homem claramente retrata um negro, enquanto que o primeiro retrata um branco em posição de poder. Podemos ainda dizer que o sabonete com efeito branqueador é uma crítica fortíssima a uma sociedade que por muito tempo deixou e, por vezes, ainda deixa os negros às margens; uma sociedade preconceituosa que tenta criar um padrão no qual o homem branco é aquele que é digno de status e apreço social, enquanto o negro fica com o trabalho duro, ali expresso pelas palavras *them shovels*. Poderíamos escrever páginas e páginas de análise sobre as obras de Basquiat, porém, como já dito anteriormente, nosso objetivo é fazer com que você, que está lendo esta dissertação possa conhecer um pouco da obra daquele que abriu as portas para as futuras gerações de grafiteiros e artistas urbanos.

Após Basquiat, com a chegada dos anos 90, o mundo passa a conhecer o trabalho de uma nova geração, muito bem representada por Banksy: artista ativista inglês que expressa através de grafite e estêncil ilustrações de conteúdo declaradamente contestatório. A técnica de Banksy promove forte influência na produção gráfica dos protestos artísticos atuais. Diferente do traço de Basquiat, as obras de Banksy pendem mais para o “belo”, que para o “chocante”. O “choque” provocado por Banksy está justamente em trazer o belo para tratar de assuntos polêmicos, ou seja, quando alguém olha para uma de suas obras sem atenção, pensa se tratar de um lindo desenho qualquer, porém, ao ater-se ao conjunto percebe se tratar de algo muito mais profundo. Essa sutileza na sobreposição de conteúdos é outro aspecto que pretendemos ter presente na nossa obra. Queremos que quem a observe de relance, mesmo sem compreender o todo, veja algo de belo e agradável, no entanto, se essa mesma pessoa parar e observar mais profundamente, ela poderá se deparar com mensagens capazes de levá-la a um nível de reflexão profunda. Vejamos as imagens a seguir:

## Sequência de imagens 5: grafites de Banksy



Fonte da imagem 1: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)



Fonte da imagem 2: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)



Fonte da imagem 3: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)

Na imagem 1 podemos simplesmente ver um urso em um monociclo, talvez olhemos e somente achemos que é um desenho para crianças. No entanto, ao lermos a frase *"born to be wild"* (nascido para ser selvagem) combinada com a imagem do urso fantasiado no monociclo, podemos inferir que a imagem como um todo está fazendo uma crítica à prática de termos animais, que deveriam estar livres, aprisionados em circos. Uma característica muito forte em Banksy é o fato de que cada sujeito será capaz de inferir mais ou menos a respeito de sua obra dependendo dos elementos memoriais que for capaz de resgatar. Isso quer dizer que algumas associações só podem ser feitas caso haja elementos internos e externos que permitam a emergência desses detalhes, esses resíduos de outros tempos e de outro espaço. Neste caso, não é o que está dito e expresso na imagem que me permite compre-

ender ela como um todo, mas aquilo que não está dito, ou seja, aqueles rastros que ela me permite buscar através dos gatilhos que deixou. Esses gatilhos estarão por todo nosso mural e, da mesma forma como na obra de Banksy, toda e qualquer pessoa será capaz de apreciar a obra, no entanto, algumas conseguirão ter um nível de compreensão muito maior, devido a uma bagagem memorial que já carregam a respeito da Tradição Lassalista como um todo.

Nas imagens 2 e 3, podemos igualmente perceber o mesmo padrão - as imagens nos deixam gatilhos para que possamos construir sentidos através dos rastros que nos são deixados - ou seja, só há uma completude de compreensão caso o indivíduo deixe sua memória emergir. No caso da imagem 2, por exemplo, ao lermos a frase “sem futuro”, na qual a letra “o” ainda remete a um balão que está sendo segurado por uma criança, precisamos deixar emergir o fato de que “as crianças são o futuro da nação”, logo, neste caso, parece que o autor quer dizer que não há mais futuro para aqueles que são considerados o próprio futuro. Além disso, ao focarmos no detalhe do balão na mão da criança, ainda podemos discorrer sobre o fato de que ao invés de a criança estar brincando com o objeto, somente o segura, numa postura de descaso, desânimo, descrença. Como se a própria criança não tivesse mais ânimo para lutar por um futuro. No entanto, isso não está escrito em lugar nenhum da imagem, é uma mera interpretação feita por alguém que levou em consideração os gatilhos ali deixados - é como se a imagem fosse o caminho de migalhas de pão, como o deixado por João e Maria em sua história. Esse caminho nos levará a um determinado lugar que não é a imagem em si, mas um lugar além da imagem, cujo alcance só pode se dar através da mistura do que está dito com o que não está dito. Ou seja, nossa interpretação depende dos rastros deixados, das amarras feitas, das conclusões tomadas.

A imagem 3, por sua vez, mostra um Einstein desapontado e ao lado dele a frase *Just Google it* (que pode ser traduzida por “apenas pesquise isso no google”). Podemos inferir com essa imagem que para um sujeito com espírito pesquisador e questionador como Einstein, ver uma ferramenta como o Google ser usada de forma a inibir a criatividade e facilitar a pesquisa ao extremo, só pode ser, de fato, um descontentamento. No entanto, é importante que vejamos que nada disso está escrito na imagem, novamente essa foi uma interpretação feita através de toda uma retomada de outros conhecimentos que foram buscados de outros tempos e espaços já vividos pelo sujeito que está lendo a imagem neste momento. Isso quer dizer que há

um passado que se faz presente no momento dessa leitura, há tempos e espaços que se entrelaçam, conceitos que revivem, que são trazidos à tona através de um gatilho disparado pela imagem.

Por fim, é possível dizer que nesta etapa do estudo, além de tomarmos conhecimento de algumas das obras dos maiores nomes do grafite e arte urbana, pudemos nos apropriar de algumas das técnicas utilizadas, o que seria fundamental para as próximas etapas: a escolha do artista e as discussões para que a obra fosse realizada. Além disso, encerramos esta etapa com a certeza de que nosso mural misturaria palavras e desenhos como a arte de Basquiat; teria, o que irei chamar de “camadas memoriais”, como a obra de Banksy, ou seja, o mural seria capaz de causar diversas interpretações que seriam acionadas de acordo com a bagagem trazida por cada um e, por fim; o mural seria uma explosão de cores representando a diversidade, como o mural de Kobra, que serviu de inspiração inicial para toda esta pesquisa. Agora, o mais difícil, pensava eu, seria encontrar o artista capaz de carregar em sua arte todas essas características.



## 11 SAINDO DO CAMPO DAS IDEIAS E TOMANDO O CAMPO FÍSICO

Para sairmos do campo das ideias era preciso que encontrássemos um artista capaz de realizar este trabalho conosco. A busca pelo profissional ideal para este trabalho foi feita de maneira muito cuidadosa, pois a obra deveria ser a imagem da Tradição Lassalista, deveria ser capaz de falar com cada sujeito que adentrasse o Campus da Universidade La Salle Canoas. Além disso, a obra deveria ser uma espécie de fio condutor entre sujeito e suas lembranças Lassalistas, ou seja, o mural seria o que Maurice Halbwachs (1990) chama de semente de rememoração. Halbwachs nos traz o conceito de semente de rememoração que para ele é um ponto-chave que pode aparecer como um dado abstrato, ou caracterizar-se em imagem, ou, finalmente, tornar-se uma lembrança viva. O caso é que é preciso que o indivíduo tenha acesso a essa semente de rememoração para que todo um conjunto de testemunhos exteriores se transformem numa massa consistente a ponto de que possamos chamar de lembranças. Pensando neste ponto da pesquisa de Halbwachs, podemos dizer que o mural pode servir como essa semente de rememoração à medida que ele revive uma lembrança através da Tradição Lassalista ali exposta, ou seja, as imagens que ali estarão podem fazer reviver sensações, sentimentos, lembranças, imagens mentais no sujeito que observa a obra a tal ponto que este conjunto de testemunhos que foram desnudados poderão reforçar o sentimento de pertença existente na Comunidade Lassalista.

Esse sentimento de pertença, segundo Candau (2016), está relacionado com a identidade de um grupo, assim identidade é algo ao mesmo tempo interno e externo, é uma relação entre o eu e o outro e é fundamental para a legitimação de um grupo, mas para isso precisa haver compartilhamento de ideias e valores. Ou seja, é preciso que eu encontre em meus ideais valores semelhantes aos ideais do outro, para assim nos aproximarmos e formarmos um grupo com base nas nossas crenças. Ao encontro disso, Bauman (2005) diz que existem comunidades de vida e de destino, na primeira estaríamos unidos por uma conexão absoluta, como no caso de uma nação, por exemplo; na segunda estamos “fundidos unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”(BAUMAN, 2005, p. 17), ou seja, escolhemos fazer parte daquela comunidade organizada ao redor de ideais.. De acordo com Bauman, é neste segundo modelo de comunidade que está presente a questão de identidade,

segundo o autor, ainda a identidade e o pertencimento “são bastante negociáveis e revogáveis, as decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

Podemos dizer, portanto, que a Comunidade Lassalista é um grupo identitário e que, de acordo com Bauman (2005), fazer parte da comunidade é uma escolha feita pelos indivíduos ali presentes, no entanto, para que permaneçam, precisam reforçar essa escolha, refazer o vínculo criado, fortalecer os ideais semelhantes e é neste ponto que o mural poderia fazer este papel fundamental de unir a comunidade. Na época líquida em que vivemos, as relações são fragmentadas, nossa personalidade, nosso mundo, nossa existência passa a estar fatiada, numa paleta de momentos conectados, como uma paleta de cores que se combinam entre si: “poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma comunidade de ideias e princípios” (BAUMAN, 2005, p. 19). Sejam bem-integradas ou efêmeras, os sujeitos se deslocam entre essas comunidades em função de “identidades flutuantes” que o permeiam, este sujeito é ora confrontado com as semelhanças, ora com as diferenças presentes em cada comunidade e vai aproximando-se e afastando-se de uma ou outra negociando sua permanência conforme sua própria identidade se forma. Essa renegociação é contínua e, quanto mais aspectos semelhantes o sujeito encontra, mais tempo ele permanece fiel àquela comunidade. Com a execução do mural, pretendemos simbolizar essa semelhança entre todos que vivem nas Comunidades Lassalistas, com o objetivo de tornar essas similaridades mais visíveis e até palpáveis.

Como viemos ressaltando desde o início desta dissertação, acreditamos que para fortalecer esta união seria preciso unir passado e presente, juntar o velho com o novo e, justamente por isso, nossa proposta era de renovar a Tradição. Não se tratava de dar um novo rosto à comunidade, mas de dar novas cores, novos traços, nova vida para o mesmo rosto. Neste sentido, o artista escolhido para este projeto teria que ter esta sutileza no seu pintar. Ele precisaria unir o tradicional com o inovador em uma mesma tela. Assim, após muitas reflexões e muita pesquisa, foi possível chegar ao nome de Jackson Brum. Jackson é um artista gaúcho, formado em Design Gráfico, mas que atua como grafiteiro há mais de 20 anos. Os traços do Jackson e a maneira como desenvolve seus murais trazia muito, se não tudo, daquilo

que queríamos em um artista. Havia na pintura de Jackson traços mais tradicionais de uma pintura em tela, misturados com o spray do grafite; palavras e desenhos em uma combinação harmoniosa, dando mais sentido a sua obra; sem contar a mistura de cores que desejávamos, trazendo à obra uma explosão que fosse capaz de simbolizar a diversidade e a alegria presentes nas Comunidades Lassalistas. No entanto, o melhor aspecto presente nas obras de Jackson <sup>2</sup> é que, apesar de elas contem todos os atributos que almejávamos, elas eram extremamente autênticas e de forma alguma lembravam as obras aqui mencionadas e analisadas. Dessa forma, teríamos os aspectos estudados, mas, de uma maneira única e singular.

Assim, demos início às negociações com Jackson em Julho de 2018 e o mural tomou forma em Outubro do mesmo ano. Ao longo desses meses, Jackson e eu tivemos inúmeras discussões para que ele, que nunca havia entrado em contato com a Tradição Lassalista, conseguisse captar o máximo das informações que eu lhe estava passando. Em nossas primeiras conversas, ainda para que o orçamento fosse feito, mostrei a Jackson todas as minhas inspirações, um pouco da minha pesquisa a respeito dos grafites e expliquei para ele que seria a primeira vez que uma obra de São João Batista de La Salle seria grafitada. Dessa forma, a obra poderia chocar algumas pessoas, principalmente alguns Irmãos com um pouco mais de idade que vivem no Campus e, talvez, não tivessem tido a oportunidade de entrar em contato com os grafites vendo-os como arte, visto que o grafite, ainda hoje, é muito relacionado à pichação.

Não é novidade que tanto o grafite como a pichação usam o mesmo suporte e os mesmos materiais - os muros, prédios, postes da cidade e os *sprays*. Ambos interferem no espaço, alteram valores, são de caráter volátil e questionador. São muitas as semelhanças que podemos listar e é possível que isso se deva ao fato de que pichação e grafite tenham as mesmas origens: as inscrições apotropaicas na era medieval.

Os grafites apotropaicos eram feitos no interior das igrejas pelo clero durante a era medieval, ou seja, faziam parte de um tipo de inscrição permitida, legalizada e, até mesmo, santificada, visto que era realizada no interior das igrejas por aqueles que faziam parte do clero. No entanto, a Reforma Protestante veio e os extinguiu, os

---

<sup>2</sup> Algumas das obras de Jackson Brum encontram-se no Anexo 1 para que o leitor possa tomar conhecimento do estilo do artista.

varreu da história, os apagou um a um até que as igrejas fossem vistas como um lugar limpo daquela antiga crença. Porém, não é simples varrer uma crença do imaginário social da população, aquele era o "código colectivo" que sabiam utilizar para exprimir "as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais" (BACZKO, 1985, p. 307) daquela época. Sendo assim, o povo permaneceu grafitando, porém agora o grafite era ilegal e mal visto. Isso quer dizer que a população passou a manifestar-se em outros lugares - as portas e muros de suas casas. Portanto, as hipóteses que sugerimos é que a resignificação promovida pela Reforma foi o que gerou o carácter negativo e marginal relacionado à pichação. Porém, paradoxalmente, é justamente esse carácter negativo que vai ser capaz de provocar um efeito contrário, um efeito de resistência social. E supondo que tenha sido isso mesmo, ambos grafite e pichação seriam como duas faces da mesma moeda. Por isso, em função dessa linha bastante tênue entre grafites e pichação é que tivemos muito cuidado na montagem e execução do nosso mural, para que em nenhum momento ele fosse capaz de deixar alguma ambiguidade a respeito de seu valor.

Seguindo as negociações com Jackson, escrevi, de forma resumida, a história de La Salle, do Instituto e da Tradição Lassalista para que ele se apropriasse da história e, então, pudéssemos juntos destacar os elementos que deveriam estar em evidência e, ao dizer "juntos", era exatamente isso que eu gostaria que acontecesse. Apesar de Jackson estar produzindo uma obra sob encomenda, ele ainda era o artista e para que a obra pudesse ter o efeito aurático que almejávamos, era preciso que o artista a fizesse com alma, paixão, sentindo-a verdadeiramente, por isso, meu papel não era o de impor o que estaria na obra, mas sim, o de propiciar elementos para que o Jackson fosse capaz de sentir o que estaria presente na obra. Dessa forma, Jackson foi capaz de montar a arte do mural a sua maneira através dos elementos que eu fui disponibilizando, através das conversas e discussões que tivemos e, por fim, o Carisma - nome dado pelo Jackson à obra - tomou forma da melhor maneira possível, de maneira que todos os envolvidos tiveram suas vozes ouvidas ao longo da elaboração e execução deste trabalho.

Após esta etapa de discussões e apropriação da Tradição para compor o mural, adentramos em uma fase de adequação às necessidades da Universidade La Salle Canoas. Como o mural passou a ser idealizado em 2017, minha meta era a de atualizar a iconografia Lassalista de forma que fosse capaz de conectar-se com o público mais jovem, o de engajar essa parcela da comunidade com aspectos da

Tradição que muitas vezes era desconhecido deles. No entanto, ao longo de 2018, o mural teve um novo papel, além desse: o de celebrar o Ano Jubilar de São João Batista de La Salle. Primeiramente o mural não havia sido proposto para essa celebração, visto que ela era desconhecida de mim enquanto o projeto era idealizado, porém, uma demanda tinha absolutamente tudo a ver com a outra e foi uma decisão da instituição - aconselhados pela Professora, Doutora, Coordenadora do curso de Letras Lúcia Regina Lucas da Rosa -, se utilizar do mural idealizado por mim para comemorar os 300 anos de La Salle, decisão essa que me deixou honrada, mas, ao mesmo tempo, ainda mais atenta a todo e qualquer detalhe da elaboração do mural, visto a grande responsabilidade atribuída a ele.

Em função desta nova atribuição do mural, alguns ajustes foram necessários, porém, o mais significativo deles foi o fato de ele deixar de ser um verdadeiro mural e passar a ser uma tela, nas mesmas medidas e proporções, com o mesmo estilo de pintura, no entanto, não seria mais executado em um muro, ou parede, como o próprio nome sugeria, mas sim, em uma tela que daria mais mobilidade à obra, possibilitando que ela transitasse pelo Campus. O principal objetivo dessa mobilidade era que a obra fosse capaz de estar presente em diversos momentos solenes que estivessem ocorrendo pelo Campus, para tornar a mensagem de La Salle presente em todas as celebrações promovidas pela Universidade. Essa alteração modifica um pouco o caráter original da obra, mas não o seu propósito: aproximar os jovens da Tradição e simbolizar a Unidade presente na Diversidade Lassalista - e esse era seu principal objetivo desde o princípio.

Finalmente, após todas as conversas e fases de negociação, Jackson montou o primeiro esboço da obra, que teve somente uma alteração. Para simbolizar os leigos e diversidade presente nas comunidades, Jackson acabou utilizando somente rostos femininos, o que, de acordo com sua leitura, foi feito devido ao fato de a maior parte do grupo docente ser formado por mulheres. Porém, acreditou-se ser mais fiel à obra Lassalista, caso tivéssemos rostos de crianças também, visto que elas são fundamentais para a obra desde seu início. Dessa forma, podemos ver abaixo o esboço original e sua alteração:

Sequência de imagens 6: esboços 1 e 2



Fonte da imagem 1: primeiro modelo enviado por Jackson Brum



Fonte da imagem 2: modelo oficial realizado por Jackson Brum

Após esta etapa, finalmente demos início à produção do mural, que retrata São João Batista de La Salle ao centro, para simbolizar que através dele é que todo o restante da obra se desdobra. Por sua vez, La Salle está envolto pelas mãos e a pomba que simbolizam o divino e a paz - estes seriam os elementos principais para que todo o restante da obra surgisse. Os outros elementos representam a diversidade existente dentro das instituições, ou seja, queríamos mostrar que as Comunidades Lassalistas são ambientes de acolhida, respeito e amor. Assim, há muita diversidade dentro das Comunidades, cada uma é muito diferente da outra e, mesmo dentro de uma mesma Comunidade há muitas singularidades. No entanto, a singularidade de cada sujeito é vista como aquilo que dá vida e cor ao Instituto como um todo, já que é através da colaboração, diálogo e partilha que nosso dia a dia é pautado. Dessa forma, todos os elementos ao redor de La Salle se misturam e se sobrepõem, num forte colorido para representar toda a multiplicidade existente na Comunidade Lassalista.

Outra forma que encontramos para simbolizar toda essa diversidade foi representar a presença de leigos no Instituto, que hoje compõe a grande maioria da força de trabalho Lassalista, visto que a cada ano que passa menos e menos jovens se interessam pela vida em Irmandade. Esses leigos são representados através dos diversos rostos ao redor do mural. No entanto, esses mesmos rostos podem remeter aos alunos e familiares, outra parcela de pessoas que compõe nossa grande comunidade e que deve ser igualmente representada no mural. A verdade é que os rostos não são uma coisa ou outra, mas uma coisa e outra, tudo vai depender do sujeito observador dessa imagem e de qual conexão ele irá fazer. Um dos rostos ainda retrata um jovem, com o objetivo de simbolizar a preocupação com as crianças e adolescentes.

Outro elemento bastante significativo no mural é o mundo, ou um globo envolto nas mãos de alguém. Este recorte representa a presença Lassalista ao redor do mundo, mas também pode remeter a todos os esforços mobilizados dentro das Comunidades para que cada aluno tenha o mundo em suas mãos, através da educação Lassalista. Seguindo para o âmbito educacional, temos a imagem do livro para simbolizar a preocupação com uma educação de qualidade, mas também para demonstrar que todo o mural só pode ser construído através de muitas leituras e relatos de La Salle e de outros Irmãos, ou seja, quisemos demonstrar que o que está

escrito, isto é, os livros a respeito da vida e obra de La Salle, são de extrema importância para a compreensão da Tradição Lassalista. Por fim, um último elemento muito significativo no mural é a porta colocada na região da cabeça de um dos rostos ali representados. Esta porta deve representar a preocupação com o campo das ideias e com a formação integral do aluno. Uma educação que contribua para que ele reflita e torne-se um sujeito crítico e formador de suas próprias opiniões. Assim, aquela é uma porta para as próprias ideias de cada sujeito, para sua imaginação e seu interior.



## 12 POR TRÁS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO MURAL

Para que pudéssemos chegar ao produto final desta dissertação, conforme mencionei no capítulo anterior, Jackson e eu tivemos algumas discussões a respeito da obra e da Tradição Lassalista. No entanto, como essas discussões aconteceram? Bem, primeiramente é importante lembrarmos que eu, desde o início da pesquisa, buscava um grupo de grafiteiros atuantes na região Metropolitana de Porto Alegre, ou seja, eu queria que os responsáveis pelo grafite estivessem próximos à Universidade La Salle, para que, pelo menos, tivessem alguma noção, mesmo que vaga, de onde a Universidade se encontra e como costuma se relacionar com seu público. No final, ao invés de encontrar um grupo de artistas, acabei encontrando Jackson Brum que, sozinho, tinha em sua arte todos os detalhes que desejamos incorporar à obra.

Nessa busca analisamos criteriosamente os trabalhos de Jackson e entre muitos outros nomes o seu foi o escolhido por 3 principais motivos: o primeiro, foi a delicadeza de seu traço ao retratar a face de pessoas e o brilho no olhar que ele conseguia captar em suas imagens, detalhe este, que dava um ar de sutileza e classe à obra; o segundo, foi a explosão de cores que ele utilizava, o que me remetia muito às obras de Kobra, porém dentro da singularidade de Jackson; por fim, foi a mistura entre imagens e palavras que o Jackson trazia em suas obras, novamente utilizando um dos aspectos que gostaríamos de ter presente, como havíamos observado nas obras de Basquiat. Todos estes detalhes que nos fizeram escolher Jackson Brum para produzir esta obra podem ser observados no Apêndice 1, que se trata de um compilado de suas obras.

Assim que havíamos definido a escolha do artista chegou o momento de discutirmos e dialogarmos sobre o processo da obra. Para isso, entrei em contato com Jackson, primeiramente de forma bastante informal através de uma de suas redes sociais. Perguntei-lhe como funcionava o processo de contratação de seus serviços, bem como se ele aceitaria fazer parte de um projeto no qual ele tivesse que adaptar sua arte e seu processo de criação de forma que este se adaptasse às necessidades de uma instituição privada. O Jackson, por sua vez, me explicou que este processo de encomenda para redes privadas era bastante comum e me pediu um *briefing* para que ele pudesse se inteirar mais da realidade que deveria retratar.

Dessa forma comecei a produzir o *briefing*, que ficou bastante extenso, visto que, a meu ver, nenhuma das informações tratadas ali poderiam ser mais resumidas do que foram. Faço questão de afirmar isso, pois caso tenhamos algum profissional, principalmente da área de marketing e publicidade, lendo esta dissertação, esses talvez não concordem que o texto a seguir se trate de um *briefing*, no entanto, devido à grandiosidade das informações que eu deveria passar para o Jackson, preferi neste primeiro momento pecar por excesso do que por falta de informações. Abaixo segue o material encaminhado para o artista:

---

### 1. João Batista de La Salle e a Rede Lassalista: uma breve história

*João Batista de La Salle (1651-1719) viveu na França e foi um sacerdote e pedagogo. Desde muito cedo demonstrava grande interesse pela vida religiosa, mas teve uma série de desafios em sua caminhada, como por exemplo, a morte dos pais e, por consequência, a necessidade de voltar-se aos cuidados dos irmãos. Essa eventualidade fez com que João Batista de La Salle encontrasse um orientador em seu primo Nicolau Roland, fazendo com que os dois se aproximassem. Portanto, quando Nicolau está prestes a falecer, para que seu projeto de abrir escolas para pobres não acabasse sendo interrompido, ele delega essa responsabilidade a João Batista de La Salle.*

*Assim, La Salle deu seu primeiro passo nesta caminhada que o levaria a ser reconhecido como o ícone que é atualmente. Considerando a situação de miséria existente na França neste período, La Salle sensibilizava-se cada vez mais, a maioria das crianças não tinha perspectiva de um futuro promissor, assim, ele decide comprometer-se, de fato, com a obra e em 1680 o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs começa a ganhar forma na cidade de Reims, França.*

*A vida comunitária começou neste momento, primeiramente para viabilizar o propósito de melhor formar os professores, visto as condições econômicas deles. Nesta primeira etapa era uma necessidade ter esses professores em um mesmo ambiente no qual eles tivessem suas necessidades atendidas para que pudessem estar comprometidos inteiramente com a missão de educar.*

*As crianças e jovens recebidos nas escolas de La Salle deveriam sempre sentir um espírito de acolhimento familiar. Além disso, as escolas Lassalistas introduziram uma série de inovações quanto aos métodos de ensino, como por exemplo, ensinar em grupos; usar a língua francesa e não mais o latim; dividir os alunos por idade e nível de conhecimento; manter fichas para o acompanhamento dos alunos; entre outras coisas que eram novidades na França inteira. Assim, a perseguição às escolas de La Salle não tardou a aparecer em Paris. Professores de escolas da região passaram a mover processos contra La Salle e sua equipe. Com isso, La Salle passou a perder alguns processos judiciais e ao mesmo tempo já estava sofrendo oposição das autoridades eclesiásticas, pois a estrutura das escolas não estava de acordo com o que eles desejavam.*

*Apesar de tudo, eles conseguiram vencer a perseguição e deram continuidade a sua proposta educativa. La Salle foi beatificado em 1888 e canonizado em 24 de maio de 1900, pelo papa Leão XIII.*

## *2. A Rede La Salle e seu ideal educativo*

*A Rede La Salle, portanto, se origina da obra educativa iniciada por João Batista de La Salle no século XVII, na França, e hoje faz parte de uma instituição mundial, presente nos 5 continentes, em 77 países. O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs é uma Congregação Religiosa com sede em Roma e tem a educação cristã como seu principal objetivo. Sendo assim, os Irmãos Lassalistas, seguem um chamado do Senhor, dedicando-se totalmente a Ele, através de votos religiosos de serviço educativo aos pobres, estabilidade no Instituto, pobreza, castidade e obediência. Esses primeiros Irmãos dedicaram-se à missão de educar crianças e jovens e tornaram-se, portanto, educadores religiosos. Para que melhor entendamos como tudo aconteceu é importante voltarmos no tempo e compreendermos que La Salle não queria que a comunidade de irmãos se inserisse nos padrões religiosos da época, que eram conventuais, pois dessa forma os irmãos não poderiam se dedicar em tempo integral à escola e ao compromisso de educar. Dessa forma, os primeiros irmãos tiveram que inventar um modelo novo dentro da igreja para que a comunidade Lassalista pudesse existir. La Salle foi pioneiro ao estabelecer toda uma nova forma de percebermos a educação, a vocação religiosa e o tratamento dado aos professores.*

*Nos tempos atuais e nos tempos do início do Instituto o foco da missão Lassalista sempre foi bastante árduo de ser atingido - os Lassalistas precisam construir espaços e tempos que favoreçam práticas culturais comuns que visem respeitar as singularidades de cada um. É esse processo de mudar nosso modo de levar a vida, em prol de uma vida baseada nos ensinamentos do Evangelho. Outro detalhe importante é que, ao que tudo parece, João Batista de La Salle não tinha a pretensão de criar toda a comunidade educativa que acabou criando, ou seja, ele não tinha um itinerário traçado e bem delineado, mas acima disso, ele tinha um compromisso com as crianças que educava e com seu propósito, sua missão, e esse compromisso o fez dar passos adiante até chegarmos no formato de rede que temos hoje. Dentro da grande rede La Salle, é ainda importante lembrarmos que há as divisões em Províncias, que dentro do Instituto se referem a uma divisão geográfica das obras lassalistas espalhadas pelo mundo.*

*Nós nos encontramos na Província La Salle Brasil-Chile, que é composta, hoje, pelo Brasil, Chile e Moçambique. As Províncias tendem a ser fruto de muito diálogo e desejo de fortalecer a missão Lassalista. A Província Brasil-Chile conta com o apoio de quase 200 Irmãos e mais de 3.000 mil Colaboradores Lassalistas. Presentes no Brasil desde 1907, os Irmãos Lassalistas são religiosos que seguem a inspiração de seu fundador, João Batista de La Salle. Os Lassalistas mantêm um conjunto de comunidades educativas que vai da educação básica à educação superior, centros de assistência social, e duas Fundações (Fundação La Salle e Fundação Pão dos Pobres). A ação educativa nas comunidades é baseada no ideal de responder às necessidades educativas e sociais que o mundo apresenta. Diante disso, no Brasil, a Rede cresce através da união de irmãos e leigos que partilham da mesma missão.*

*Desde o início da obra, então, o Instituto vem crescendo e arrecadando mais Irmãos e leigos na missão de educar com valores cristãos. A cada ano que passa, a*

*Rede, como conhecemos hoje, cresce e envolve mais pessoas com os propósitos de amor e solidariedade Lassalistas, principalmente no contexto social em que nos encontramos atualmente fica mais evidente a necessidade de uma educação com bases no amor ensinado por Cristo.*

### *3. O Educador Lassalista*

*Para que a Rede se fortaleça a cada dia e toque os estudantes da maneira como pensou João Batista de La Salle, o educador Lassalista deve manter a tradição de valores transcendentais e existenciais, que vêm se revitalizando ao longo de mais de 300 anos de história. Assim, as ações pedagógicas do educador vão se perpetuar através da formação humana, construindo relações saudáveis e construtivas que são capazes de ampliar a noção de pertencimento e convivência, pautados em união, respeito e solidariedade.*

*O amor é o pilar mais sólido dentro das comunidades. Assim, percebemos que na educação Lassalista é através do amor que se inspira um projeto educativo de formação espiritual, ética, moral, para a vida e convivência, para o trabalho e aprendizagem de conhecimentos e valores necessários para uma vida social mais plena e respeitosa. Para tal, o aprendizado se dá através do diálogo inter-religioso, através da liberdade religiosa e da comunhão com Deus, mas também do diálogo com as ciências. Esse diálogo está previsto no Guia das Escolas Lassalistas, que tem como objetivo estabelecer alguns padrões quanto à educação dos alunos, mas também quanto ao relacionamento estabelecido entre alunos e professores. O Guia tende a beneficiar o aluno, pois La Salle compreendia que o professor tinha em seu coração a tarefa e a missão de instruir os alunos da melhor maneira possível, com foco na educação técnica e formal, mas sempre em parceria com formação cidadã e cristã de cada aluno.*

*O maior desafio do educador Lassalista, hoje em dia, está em formar alunos para que sejam cidadãos exemplares e para que vivam o Evangelho conforme nos ensinou Jesus Cristo, em uma sociedade que há anos já vem deixando esses valores de lado, que há anos já tem o desrespeito como um comportamento padrão. O grande desafio, na verdade, está em espalhar os sentimentos de amor, respeito e solidariedade através de uma sociedade que a cada ano que passa tem se preocupado menos e menos com tais valores.*

### *2. O Carisma Lassalista*

*A criação de escolas para crianças de classes menos favorecidas, seguida da formação do Instituto; a missão de educar dentro dos preceitos do Evangelho; a preocupação com as relações pessoais, com as famílias; entre outras ações dentro do Instituto são sempre citadas como atos pertencentes ao Carisma Lassalista, que talvez possamos afirmar que seja o valor mais importante dentro da Tradição, justamente por esse fato de englobar muitos outros valores e ações dentro dele.*

*Na busca por compreender o que de fato se entende por carisma, no teor mais amplo da palavra, recorreremos ao dicionário Aurélio que nos trouxe as seguintes definições: autoridade de um chefe fundada em certos dons sobrenaturais; conjunto dos dons espirituais extraordinários (profecias, milagres, etc.). Torna-se muito claro após essa busca ao dicionário, que o termo está fortemente relacionado com uma questão de espiritualidade e fé, por mais que na vida cotidiana tenhamos nos apropriado desse termo para outros fins. Acredito, portanto, que a partir deste momento poderemos ter um olhar mais aguçado para o que de fato signifique o Carisma Las-*

salista, visto que este também está fortemente ligado com os valores de espiritualidade e comunhão com Deus.

Seguindo para nossa melhor compreensão do que seria o Carisma é importante frisarmos que, primeiramente, os Lassalistas acreditam que todos os cristãos são portadores de carisma, como algo recebido do Espírito Santo. Assim, os Lassalistas estão sempre a serviço da comunidade e o amor é a força que move o carisma e que possibilita que cada um viva sua vocação dentro de uma formação e missão Lassalista.

Com base no que foi dito, o carisma pode ser compreendido por esse dom que faz com que Irmãos e leigos se associem em prol desse bem maior que é a educação cristã. Esse dom, do qual falamos, pode ser percebido como uma chama interior de amor a Deus, amor que se dá de todo coração e alma e, conseqüentemente, acaba sendo compartilhado com o próximo, pois viver no carisma é viver de acordo com os preceitos do Evangelho e isso quer dizer amar ao próximo e levar a palavra de Jesus Cristo.

Com todo esse panorama em mente, talvez o desafio dos Lassalistas hoje seja o de propiciar no dia a dia das comunidades situações efetivas de carisma e momentos dentro da comunidade educativa em que o carisma seja vivenciado para que cada vez mais pessoas o vivam de fato, pois num mundo que arde em divisões e exclusões, a missão do carisma lassalista é ser um lugar de inclusão fraternal.

#### 4. O humanismo na tradição Lassalista

O objetivo da educação Lassalista é o de formar o aluno na sua totalidade, independente de qualquer concepção é importante pensarmos na pessoa humana enquanto sujeito e objeto da educação, constituída de forma una, na qual cada uma de suas dimensões - cognitiva, social, cultural, espiritual - só se torna completa pelas outras, isso quer dizer que, caso eu não me desenvolva harmoniosamente dentro de todas as minhas dimensões eu não vou estar completo, não vou estar desenvolvido na minha totalidade.

Assim, podemos dizer que o ser humano está em constante e permanente busca, por si, pelo seu conhecimento e transcendência. O humanismo Lassalista, para melhor entendermos, baseia-se numa visão compatível com a do Cristianismo, pois considera a humanidade a partir da existência de Deus, tanto que muitas vezes ao longo dos documentos Lassalistas fala-se em “humanismo cristão”. Pensando desta maneira fica fácil de enxergar que a busca por uma educação humanista está presente desde o início do instituto, visto que a busca por uma educação Cristã sempre esteve presente também.

Nessa mesma linha de pensamento, o Guia Lassalista está repleto de indicações para orientar os alunos ao respeito e a como lidar com pessoas e situações diversas que fazem parte do nosso cotidiano, pois almeja-se que este aluno desenvolva senso ético e moral. Este aluno deve formar reta consciência, através do aprendizado do que é certo ou errado, do que é um pecado ou uma virtude. Nessa perspectiva, a educação impulsiona uma formação que se constitui em valores e princípios que fundamentam a vida da pessoa, baseada em princípios que dão sentido à vida. Esses fundamentos norteiam a pessoa a bem viver na sociedade atual, cada vez mais complexa. Os educadores ajudam o aluno a cultivar a autoconsciência, analisar as próprias falhas e defeitos, seja no aprendizado dos conteúdos, ou no seu dever enquanto cidadão. Os Lassalistas acreditam que agir de maneira ética é automática-

mente agir de maneira cristã e procuram passar esses valores e atitudes através da sua maneira de ensinar.

## 5. A espiritualidade

Sabemos que La Salle sempre teve interesse pela vida religiosa e ao fundar o Instituto não deixou seus princípios de lado e fez da escola lugar de grande espiritualidade, primeiramente reforçando a busca espiritual entre seus professores, depois fazendo com que eles criassem o hábito da leitura do Evangelho e fizessem suas orações. Assim, desde o princípio do Instituto, La Salle insistiu na importância da oração e, em particular, da oração mental, que ele acabou chamando de meditação. As Meditações, portanto, referem-se a práticas da vida espiritual e comunitária dos Irmãos, este seria o momento em que os Irmãos estariam em contato direto com Deus, reforçando sua espiritualidade e pedindo forças para que fossem firmes na luta que estavam travando.

Assim, percebemos que La Salle jamais deixa de alinhar seu propósito educativo com sua vocação religiosa e busca entrelaçar ambos na formação do Instituto, tanto que logo no início de Meditações para todos os Domingos do Ano, podemos ler o seguinte: “Sobre o dever que tendes de preparar vossos corações e os daqueles que estais encarregados de instruir para receber Nosso Senhor e suas santas máximas”. (LA SALLE, 1988, p.13). Ou seja, um dos propósitos das meditações era o de preparar a comunidade como um todo para receber a Deus e seus ensinamentos.

Para La Salle, ele e os demais Irmãos eram portadores da voz de Deus e deveriam guiar os alunos para uma vida em comunhão com Jesus Cristo, vida, na qual, os ensinamentos do Evangelho fossem aplicados cotidianamente. Assim, a convivência no Instituto seria sempre baseada nos ensinamentos de Cristo e a comunidade faria dos Irmãos seres mais fortes, em unidade, nesses atos colaborativos em prol de um bem maior que seria o serviço prestado no Instituto.

Assim, La Salle quer reforçar a todo momento aquelas características que ele acredita serem vitais para a vida nas comunidades Lassalistas. Ele vai envolvendo os Irmãos nas leituras do Evangelho, desenvolvendo ao máximo possível a espiritualidade deles, lembrando dos valores pregados por Jesus Cristo e certificando-se de que os Irmãos mantenham vivos esses valores no seu dia a dia, sempre com paciência, amor, respeito e zelo. Dessa forma, os Irmãos e professores Lassalistas devem ser seres que são exemplo de espiritualidade para seus alunos. Esses professores devem inspirar a busca pela palavra de Deus e pela vida de acordo com os ensinamentos do Evangelho: uma vida de amor, respeito e fraternidade.

---

Após este primeiro contato com a Tradição Lassalista, Jackson e eu seguimos trocando alguns e-mails, porém a maior parte de nossas conversas posteriores se deram por ligação telefônica e áudios enviados pelo aplicativo *whatsapp* em função de que era preciso nos ouvirmos para que conseguíssemos absorver todas as informações e emoções envolvidas no processo de produção do trabalho.

### 13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o mural foi inaugurado na 14ª edição da Semana Científica da Universidade La Salle, a SEFIC. Na abertura do evento houve uma pequena fala do Reitor da Instituição, Prof. Dr. Paulo Fossatti, fsc. Na ocasião, o Reitor afirmou que "a pesquisa tem que ser pensada para alcançar a sociedade". Ao dizer isso, ele pede para que as cortinas do palco do Salão de Atos se abram e, daquele palco a comunidade pôde ver e apreciar o Mural Carisma. O Reitor continua, dizendo que o Mural é o maior exemplo de uma pesquisa que surge para materializar a ideia de inovação, para demonstrar o que o meio acadêmico quer dizer com o termo "pensar fora da caixa" e, para finalizar sua fala de abertura, pede para que mais projetos como o Carisma sejam realizados dentro da Comunidade Lassalista.

Esse foi o primeiro contato que uma grande parcela da Comunidade La Salle - Canoas teve com o Mural Carisma. Essa foi a primeira vez que eu pude mensurar o real impacto que o Carisma teria no nosso dia a dia. As palavras do Reitor, obviamente, me inundaram de um orgulho imenso por ver toda a pesquisa (que até aquele momento já durava 1 ano e 7 meses) se materializando de forma a servir como exemplo para a comunidade. No entanto, ser exemplo de o que é uma boa pesquisa não era o objetivo, muito embora já demonstrasse muito da grandiosidade do Mural. O fato é que daquele momento em diante é que conseguiríamos medir de alguma forma o engajamento causado pelo Carisma. Será que ele iria instigar na Comunidade o sentimento de Ser Lassalista? Será que atingiria os jovens da maneira esperada? Será que traria à tona o sentimento de pertença e a noção de identidade? Hoje, em 11 de fevereiro de 2019, prestes a concluir 2 anos desta pesquisa, digo com toda convicção que o Carisma atingiu seus objetivos e foi ainda além do imaginado, para que os leitores entendam essa afirmação, farei uma breve retrospectiva neste que é o último capítulo desta dissertação.

Após a abertura da SEFIC, o Mural foi instalado no Espaço Multicultural, lugar onde os alunos de graduação apresentam seus trabalhos ao longo da Semana Científica. Dessa forma, o mural teve, logo nessa primeira semana, grande impacto no que diz respeito ao número de pessoas que alcançou. Ao longo da Semana Acadêmica o Carisma apareceu em muitas fotos tiradas por alunos e professores. Essa constatação foi feita através de acessos às redes sociais como Instagram e Face-

book, no entanto, uma contagem mais palpável do número de fotos não se tornou possível pelo fato de que as fotos não tinham uma unidade de indexação a qual pudessemos recorrer posteriormente. As postagens foram feitas sem que fosse estabelecido uma *hashtag*<sup>3</sup> padrão, dessa forma, após algum tempo, não conseguimos mais achar essas postagens, devido à quantidade de informações diárias adicionadas nessas plataformas. Esse fator pode transformar essa nossa constatação inicial em mera especulação, sem valor acadêmico, apesar de estarmos cientes deste detalhe, consideramos importante relatar este fato mesmo assim. Além disso, logo após a SEFIC alguns relatos muito positivos com relação ao Mural foram feitos por alunos da Universidade e da Escola; por funcionários; e Irmãos.

A aluna Bruna Gatterman, da primeira série do ensino médio, por exemplo, disse nunca ter compreendido antes do que se tratava a Tradição Lassalista, disse ainda que ao olhar para as imagens mais antigas não conseguia ter essa noção da grandiosidade das ideias de La Salle e da grandiosidade da Instituição como um todo. Rafael Sasso, aluno da Graduação disse que nunca viu na universidade, que ele via como uma instituição mais conservadora, ter uma atitude tão inovadora, mas que, ao mesmo tempo, resgatasse nas pessoas conceitos tão importantes da tradição. O Irmão Blásio Hillebrand, por sua vez, diz ter achado a ideia brilhante e concorda que é preciso renovar a imagem da Instituição, caso queiramos que ela tenha mais aderência e aceitação. Por fim, pois não seria possível citarmos todos os comentários aqui, Éverton Tartas, da Pastoral da escola disse que um mural como este pode, inclusive, trazer mais visibilidade para a vida em Irmandade e isso pode motivar jovens à procura por se tornarem Irmãos Lassalistas.

Considerando esses comentários, retomamos um pouquinho o que compreendemos por Tradição, ou seja, aquele conceito de Candau (2016), de que a tradição é o passado atualizado ao presente. Podemos dizer que essa atualização foi feita, as pessoas estão olhando para o Mural e percebendo a Tradição Lassalista, resgatando aspectos importantíssimos dos costumes e ideais Lassalistas e compreendendo-os como alguns nunca foram capazes de compreender. Somente pelo fato de o mural ter sido um gatilho para que a Comunidade como um todo fale da Tradição já atingimos o objetivo de fazer com que o grupo de referências se mobilize a comparti-

---

<sup>3</sup> Sistema de indexação nas redes sociais com o objetivo de permitir o acesso de todos a um determinado tópico, já que, ao clicar nas **hashtags**, elas transformam-se em hiperlinks.



lhar das histórias e costumes que ali estão envolvidos. Isso quer dizer que o primeiro passo foi dado para que a Comunidade se apoie na construção e manutenção dessa Tradição. Além disso, é importante lembrarmos que toda essa variedade entre os sujeitos que comentaram a respeito do Mural se deve ao fato de que o Colégio La Salle Canoas e a Universidade La Salle compartilham de uma mesma área. Dessa forma, toda a Comunidade, desde crianças, familiares, professores, Irmãos e demais funcionários da escola e da universidade entram em contato com o Mural diariamente, o que reforça o contato com a Tradição não só pelo aspecto visual, mas também pelo fato de todos os comentários e conversas que surgem a respeito do Carisma. Esse processo vivido na Comunidade faz com que o Mural de fato tenha se tornado uma semente de rememoração, como almejávamos. Essa semente de rememoração, por sua vez, serve para provocar uma lembrança no sujeito, capaz de unir algo do interior desse sujeito com algo presente naquele exterior. Quando esta conexão é feita, o Mural corrobora para a construção do sentimento de pertença naquele indivíduo. Dessa forma, o Mural remonta lembranças, momentos, situações internas e externas desse sujeito; combina-os com o agora, o este momento, mobilizando assim um conjunto de testemunhos memoriais. Dessa forma, a memória tem o papel de agrupar vivências, histórias, informações, que remontam à Tradição Lassalista e podem provocar no sujeito o sentimento de Identidade.

É preciso percebermos que todas estas provocações causadas pelo Mural na Comunidade La Salle Canoas aconteceram entre os meses de outubro e dezembro de 2018, pois tão logo o ano letivo se encerrou, a movimentação no Campus também se reduziu em grande quantidade. O que me faz acreditar que ao longo de 2019 o Mural será capaz de provocar uma mobilização ainda maior, desde que permaneça visível e em local de constante movimentação. Por vezes, ao longo dos três primeiros meses em que o Mural esteve presente na Comunidade, ele foi guardado para sua conservação. Apesar de eu compreender o ato, como idealizadora não posso concordar com ele, pois o Mural foi pensado para ficar em contato com toda a comunidade e guardado, não é visto por ninguém e, conseqüentemente, não será capaz de cumprir com seus objetivos por completo. Nesse sentido, é preciso que pensemos onde o Mural será instalado após as celebrações dos 300 Anos de La Salle, para que ele continue a cumprir com o objetivo de aproximar o jovem da Tradição Lassalista.

Seguindo através da nossa retrospectiva, falemos agora de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, período em que o Carisma superou seus objetivos, alcançando a Comunidade Lassalista internacionalmente. Tudo começa com a visita do Irmão Jorge Gallardo de Alba, F.S.C, Vigário Geral do Instituto. Em dezembro de 2018, o Irmão Jorge vem ao Brasil, e em seu roteiro está presente uma visita à Universidade La Salle e ao Colégio La Salle Canoas, nesta ocasião, nosso Vigário Geral se depara com o Carisma e fica encantado com o trabalho. Por intermédio do Irmão José Egon, vice-diretor do Colégio La Salle Canoas, o Irmão Jorge e eu somos apresentados e conversamos um pouco sobre a história por trás da produção do Carisma. Nesta conversa, o Irmão pede para que eu encaminhe pra ele alguns dados e fotos do Mural, para que eu possa enviar essas informações, o Irmão Jorge disponibilizou seu e-mail pessoal, bem como o *e-mail* da pessoa responsável pelo setor de marketing em Roma.

Após trocarmos alguns *e-mails*, a responsável pelo setor de marketing, Ilária Iadeluca, pediu eu escrever um artigo para que seja publicado no site oficial da instituição, [www.lasalle.org](http://www.lasalle.org). O artigo original foi escrito em língua inglesa e posteriormente foi traduzido para o italiano, espanhol e francês e reflete um pouco do processo de execução da obra contado através do meu ponto de vista. O artigo original pode ser lido abaixo e pode ser encontrado através do link:

[http://www.lasalle.org/en/2019/01/district-of-brazil-chile-how-to-show-the-lasallian-charism-in-a-modern-way/?fbclid=IwAR1UdHkQfVLRkln2K-VysT\\_MBbPxMVpYCSAfRZPq\\_z-HhvMSAtPtFJx8AXPc](http://www.lasalle.org/en/2019/01/district-of-brazil-chile-how-to-show-the-lasallian-charism-in-a-modern-way/?fbclid=IwAR1UdHkQfVLRkln2K-VysT_MBbPxMVpYCSAfRZPq_z-HhvMSAtPtFJx8AXPc)

---

### **District of Brazil-Chile: How to show the Lasallian Charism in a modern way**

Once you work or study in a Lasallian school long enough to feel and live its Charism, you become so amazed by it that you wish others to feel the same. At least, that was what happened to me.

I'm Carina Falcão Matteu, I'm 29 years old now and I've been a Lasallian for about 19 years. The Lasallian philosophy is within me so deeply that in 2017 I started my Master's Degree Course and decided to share my experience with others around our community.

I live in the south of Brazil, in a place called Rio Grande do Sul. Here we have a great La Salle University Campus which is connected to a La Salle School Campus, where I teach.

That means we are in a large area in which parents and their children from Elementary School walk around, as well as teenagers from Secondary School, but also young adults starting their Undergraduate Courses. This means that our Campus is full of young people, most of them from 5 to 20 years old. And how can we really engage these people in our Community? How can they really feel they belong in here? How can they feel the Lasallian Charism?

Thinking about those questions I've noticed that all around our Campus we have images and paintings of Saint John Baptist de La Salle. However, those images are the witness of the 17th century society, representing an old style of education that doesn't mean anything to the young people today.

From this background I came up with the idea of creating a new painting. A kind of art that could talk to the younger generation, a kind of art that could be meaningful and touching for them in a way that both made them really feel our Charism, and also made them proud of being Lasallians. That was how the painting called CHARISM was born. I deeply studied the Lasallian Philosophy and pointed out some of its most important aspects: the diversity among our communities, the respect to others, the joy shared among us... Also, I pointed out that all of that came from our founder, Saint John Baptist de La Salle and those aspects, when turned into actions, became what we call Charism – the one thing that should be present in every community and in the hearts of all Lasallians.

Eventually, all things that I pointed out were captured by Jackson Brum, a graffiti artist who painted the CHARISM for us, here in Brazil. The CHARISM is a large moving pannel which is traveling around our Campus to make sure everybody will see it and somehow connect even more to our Lassalian Philosophy, spreading love, respect and joy around our Campus.

Furthermore, the CHARISM celebrates the Jubilee of Saint John Baptist de La Salle, so it is also our way to honor our founder and make him even more present in our Community, through this painting that shows our loyalty to our past and our history, but also shows our minds in the present and our eyes in the future engaging youngsters to join our endless mission.



Este artigo foi publicado no site em 22 de janeiro de 2019. A partir desta publicação, o mural ficou internacionalmente conhecido e Lassalistas da Colômbia, do México e da Espanha já entraram em contato comigo para saberem mais sobre o Carisma e para compartilharem informações sobre o Mural em suas respectivas Comunidades. Essa mobilização internacional jamais passou pela minha cabeça ao longo da idealização e produção do Mural, me arrisco a dizer que nenhum dos en-

volvidos no processo de produção do Mural imaginou que ele fosse capaz de chegar tão longe. Na verdade, tínhamos um objetivo que por si só já era enorme: expressar através do Mural a Unidade Identitária da Tradição da Comunidade Lassalista para aproximar os jovens, presentes no nosso Campus. Esse era o objetivo central da nossa pesquisa desde o princípio e, considerando toda a mudança paradigmática que ele poderia causar, já era um objetivo bastante ousado. No entanto, essa mobilização internacional, apesar de inesperada, surge para corroborar ainda mais o que acreditamos: nós, Lassalistas, somos Unos.

Contudo, ser Uno não quer dizer que não haja diferenças, lembremos de Morin (2012) que nos fala que a humanidade é Una na sua Diversidade, ou seja, o que nos torna únicos enquanto espécie é toda a diversidade que somos capazes de carregar desde nossa composição biológica até nossas práticas culturais. O que nos torna unidade é a capacidade unir essas singularidades, como num quebra-cabeças, em que cada um no mundo é uma peça. O que quero dizer é que, na Comunidade Lassalista, cada um de nós também compõe uma peça desse quebra-cabeça enorme. Podemos compreender isso no micro, ou seja, observando cada indivíduo dentro de sua comunidade, ou no macro, observando cada pequena comunidade, cada pequena região, compondo o todo que é nossa Comunidade Mundial. O fato é que o Mural surgiu para simbolizar essa Unidade no micro, dentro da Comunidade La Salle Canoas. O Carisma deveria aproximar o jovem de Canoas, da Região Metropolitana de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul (indo o mais longe que poderia imaginar) da Tradição Lassalista, para que tivéssemos jovens cada vez mais engajados na nossa Comunidade. No entanto, o Carisma foi muito além, não só aproximando os nossos jovens, mas também aproximando países, diluindo fronteiras, mostrando que, embora sejamos brasileiros, espanhóis, colombianos, italianos, somos todos La Salle.

Por fim, gostaria de dizer que o Carisma deve ser visto como um primeiro passo. Mais ações como esta precisam ser realizadas, tivemos sim muitos pontos positivos, mas não podemos deixar que eles caiam no esquecimento. Como disse algumas vezes ao longo desta dissertação: memória é trabalho, tradição é um passado presente, cultura é prática. Ou seja, precisamos da nossa memória trabalhando a todo tempo, resgatando lembranças, sentimentos, dados; para que possamos manter aspectos passados da nossa tradição sempre presentes e atualizados e renova-

dos; somente assim, poderemos transformá-los em práticas culturais que irão compor nosso dia a dia e irão reforçar a nossa Identidade Lassalista.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Between past and future**. Penguin Group Ebook Edition, 2006.
- BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BAUMAN, Zigmund. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_, Zigmund. **A Sociedade Individualizada**. Edição digital: Zahar, abril 2012.
- \_\_\_\_\_, Zigmund. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Edição digital: Zahar, agosto 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política. Obras escolhidas**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASAGRANDE, Cledes A. **La pedagogía lasaliana en diálogo con el mundo actual: pluralidad, fraternidad y trascendencia**. In Consejo Internacional de Investigación y Recursos Lasalianos Estudios Lasalianos No 17. Que la escuela vaya siempre bien. Roma, Italia: 2013.
- \_\_\_\_\_, C. A., FANFA Sarmiento, D.; BIELUCZYK, J. A. (2015). **A Proposta educativa lassalista e suas decorrências à práxis pedagógica nas escolas da Rede La Salle no Brasil**. Revista *IM-Pertinente*, 3(2), 47-67.
- CORÁ, Maria Amelia Jundurian. **Do material ao imaterial: Patrimônios Culturais do Brasil**. São Paulo, EDUC: FAPESP, 2014.
- DULLIUS, Paulo. **Espiritualidade Lassaliana**. In CASAGRANDE, Cledes. A.; SALAMI Marcelo C.; FOSSATTI, Paulo (Orgs.). **Estudos Lassalistas: Fundamentos da educação Lassalista**. Canoas: Editora Unilasalle, 2017.
- FOSSATTI, Paulo; CASAGRANDE, Cledes A. **Formação Integral e Integradora**. In FOSSATTI, Paulo; HENGEMÜLE, Edgar; CASAGRANDE, Cledes A. (Orgs.). **Ensinar a bem viver**. Canoas, RS: Unilasalle, 2011.
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dis Tribunais LTDA., 1990.
- IRMÃO DAS ESCOLAS CRISTÃS. **O Irmão das Escolas Cristãs no mundo de hoje**. Ed. La Salle, Canoas, RS, 1988.

IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS. **Associados para a missão lassalista...um ato de esperança - Circular 461**. Setembro de 2010.

LA SALLE, João Batista. **Meditações**. Trad. Albino Afonso Ludwig. Porto Alegre: La Salle, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense LTDA., 2014.

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

NICODEM, Edgar. **Partilha do carisma: a caminho do novo normal**. In CASA-GRANDE, Cledes. A.; SALAMI Marcelo C.; FOSSATTI, Paulo (Orgs.). **Estudos Lassalistas: Fundamentos da educação Lassalista**. Canoas: Editora Unilasalle, 2017.

PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE. **Proposta educativa lassalista (PEL)**. São Paulo: Unilasalle, 2014.

WESCHENFELDER, Ignácio, fsc. In RANGEL, Mary (org). **A didática a partir da pedagogia de La Salle**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TODOROV, T. **Los abusos de la memoria**. Trad. Miguel Salazar. Barcelona, Buenos Aires: Paidós, 2000.

## APÊNDICE 1

Parte do portfólio do artista Jackson Brum retirado do site [www.jacksonbrum.com.br](http://www.jacksonbrum.com.br):





